



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

AGDA SOUZA MACALLOSSI

**A IMPORTANCIA DA FAMÍLIA JUNTO COM A ESCOLA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO, NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MARABÁ
2017**

AGDA SOUZA MACALLOSSI

**A IMPORTANCIA DA FAMÍLIA JUNTO COM A ESCOLA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO, NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) em cumprimento as exigências finais para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Profa. MSc. Cleide Pereira dos Anjos.

MARABÁ
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Macalossi, Agda Souza

A importância da família junto com a escola no processo de alfabetização, nas séries iniciais do ensino fundamental / Agda Souza Macalossi; orientadora, Cleide Pereira dos Anjos. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2017.

1. Alfabetização - Estudo e ensino (Ensino fundamental). 2. Educação infantil. 3. Aprendizagem – Educação - Estudo e ensino. 4 Educação - Participação dos pais. 5. Prática de ensino - Metodologia. I. Anjos, Cleide Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 372.41

Elaboração: Miriam Alves de Oliveira

Bibliotecária-Documentalista CRB2/583

AGDA SOUZA MACALLOSSI

**A IMPORTANCIA DA FAMÍLIA JUNTO COM A ESCOLA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO, NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

DATA DA AVALIAÇÃO: ____ / ____ / ____.

CONCEITO: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Cleide Pereira dos Anjos
(FACED – ICH – UNIFESSPA – Orientador)

Prof. Dr. Cloves Barbosa
(FACSAT– ICH – UNIFESSPA – Membro)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, aos meus pais, pois foi através de seus esforços que cheguei até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me abençoado e me dado força e perseverança para concluir esta caminhada.

Agradeço em especial aos meus pais Ataíde Macalossi e Maria Helena Conceição Sousa pelo tempo de dedicação e apoio, pois sem eles nada disso teria se tornado realidade e não estaria aqui.

Agradeço a minha irmã Adria Macalossi, meu tio Antônio Messias e ao Jaime Lima, que de alguma forma, contribuíram nessa trajetória.

Agradeço a minha orientadora Cleide Pereira dos Anjos, que sempre se mostrou disposta em me orientar para a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todos os professores que tiveram o papel importante de nos guiar nessa formação.

Agradeço às colegas de turma, que fizeram parte dessa caminhada, principalmente, as amigas que sempre estiveram juntas desde o início do curso: Adriana, Cinthia e Letícia.

Agradeço em especial a Letícia que esteve comigo em vários momentos dessa trajetória e que se mostrou sempre presente e disposta a me ajudar, e não mediu esforços para que eu pudesse concluir essa pesquisa me acompanhou em todos os momentos, mesmo tendo o trabalho de conclusão de curso dela para fazer serei eternamente grata a ela, e vou levá-la para sempre em minhas memórias.

Agradeço a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a realização deste sonho.

A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui.

Jean-Jacques Rousseau

. RESUMO

O presente estudo busca refletir sobre a importância do acompanhamento familiar no processo de alfabetização, leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. A família assume um papel indispensável em relação à formação do caráter da criança, pois é através dela que se dá a sua inserção na sociedade, bem como é responsável por modelar e programar o comportamento e a identidade do indivíduo. Faz-se necessário que aconteça a parceria escola - família onde os pais participam das atividades associadas à vida escolar do filho e que os pais saibam o que está acontecendo na vida escolar de seu filho, que auxilie nas tarefas de casa, quando é solicitado, participe da programação da escola, assista às atividades extracurriculares do filho e tome conhecimento de como o filho está indo na escola. Estudos apontou que as dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, estão relacionadas a algum transtorno desta ordem, que pode ser definido como um impedimento psicológico ou neurológico para desempenhar a linguagem oral, escrita ou até mesmo para condutas em geral. A pesquisa utilizada neste estudo é de abordagem qualitativa, onde foram utilizados como instrumentos de pesquisa: estudo de caso, entrevistas e coleta de dados. Para o estudo de caso foram entrevistados diretores, professores, coordenadores e pais de alunos, totalizando 19 pessoas, todos os integrantes de escola pública, além de observações feitas por um período de dois anos em sala de aula como estagiária, nas escolas públicas de Marabá - PA. Onde foi possível constatar a importância do envolvimento da família, no aprendizado escolar da criança, e a influência que ela exerce sobre a criança. As crianças que possui o auxílio da família, avançam de forma significativa, comparadas aquela que não possuem o acompanhamento ou o apoio familiar.

Palavras-chave: Relação família – escola, Alfabetização, Aprendizagem

ABSTRACT

The present study seeks to reflect on the importance of family accompaniment in the process of literacy, reading and writing in the initial grades of elementary school. The family assumes an indispensable role in relation to the formation of the character of the child, because it is through it that it is inserted into society, as well as responsible for modeling and programming the behavior and identity of the individual. It is necessary to have a school-family partnership where parents participate in the activities associated with their child's school life and for parents to know what is happening in their child's school life, to help with homework, participate in the school's schedule, watch your child's extracurricular activities and learn how your child is going to school. Studies have pointed out that learning difficulties are often related to some disorder of this order, which can be defined as a psychological or neurological impairment to play oral, written language or even for general conduct. The research used in this study is a qualitative approach, where they were used as research instruments: case study, interviews and data collection. For the case study, principals, teachers, coordinators and parents of students were interviewed, total 19 people, all members of public school, and observations made for a period of two years in the classroom as a trainee in the public schools of Marabá - PA. Where it was possible to verify the importance of the involvement of the family in the school learning of the child, and the influence that it exerts on the child. The children who have the help of the family, advance significantly, compared to those who do not have family support or support.

Keywords: Family-school relationship, Literacy, Learning

LISTA DE ABREVIATURAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FISC	Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – RN
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UVA	Universidade Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CAPÍTULO I	16
	A história da criança e da família em seu contexto social	16
3	CAPÍTULO II	40
	O Importante Papel da Família na Alfabetização da Criança	40
4	CAPÍTULO III	49
	Estudo de caso.....	49
5	CONCLUSÃO	62
6	REFERÊNCIAS.....	63
7	APÊNDICES	65
	Professora A.....	65
	Professora B.....	68
	Professora C	70
	Professora D	72
	Professora E.....	76
	Diretora A	80
	Diretora C.....	86
	Diretora D.....	88
	Diretora E	90
	Coordenadora Pedagógica A	93
	Coordenadora Pedagógica B	96
	Coordenadora Pedagógica C	97
	Coordenadora Pedagógica D.....	103
	Mãe A.....	106
	Mãe B.....	108
	Mãe C.....	110
	Mãe D.....	111
	Mãe E.....	113
8	ANEXOS	114
	Roteiro de entrevista para os professores.....	114
	Roteiro de entrevista para diretores	114
	Roteiro de entrevista para coordenador (a) pedagógica da escola	115

Roteiro de entrevistas para os pais	115
---	-----

1 INTRODUÇÃO

As crianças por muitos anos foram tratadas como adultos em miniatura, e teve por muito tempo sua infância negada, quando chegavam aos sete anos de idade, sem preparo nenhum, eram inseridas no mundo dos adultos, para que já fossem se preparando. Por vários séculos elas foram tratadas que nem adultos, participavam das mesmas festas, das mesmas brincadeiras, viam e ouviam tudo que os adultos faziam e falavam. Eram criadas sem os valores e os cuidados necessários à formação ética do cidadão.

As famílias não tinham o mesmo sentimento que hoje se tem, devido à alta taxa de mortalidade e natalidade que existia na época, então isso fazia com que os adultos não se apegassem a criança. Havia uma grande preocupação em ter filhos para que pudessem cuidar de seus pais quando estivessem velhos, o sentimento mais próximo atribuído a criança era o da paparicação.

As crianças com menos de sete anos, não contavam como membro da família, já que podiam falecer a qualquer momento. O infanticídio era tão grande que os padres, passaram a não permitir que as crianças morressem sem o batismo. Muitas crianças eram doadas à outras famílias. Quase não tinham o laço afetivo com sua família, e desde muito cedo já eram destinadas às atividades que exerceriam quando crescessem.

Tudo isso ocorria devido à falta de conhecimento. Pois não se tinham conhecimento da infância, etapa crucial da vida do adulto e não se conhecia a criança como um ser frágil, puro e inocente. A criança era algo alheio, onde todos tinham liberdade sobre ela. Os meninos e as meninas, casavam-se muito cedo, antes mesmo da puberdade. E com o tempo as meninas continuavam casando muito cedo e os meninos cada vez mais tarde.

A escola do século XIV, XVI além serem destinadas apenas aos meninos, as aulas aconteciam em locais alugados, ou em espaços públicos, onde os mestres ministravam aulas a todos que queriam, era aberta ao público. As turmas chegavam a ter mais de duzentos alunos de vários tamanhos, não havia separação por idade.

Como o tempo os moralistas e a igreja passaram a repugnar o modo em que a criança era vista pela sociedade. Com o surgimento da infância, começaram a não aceitar a convivência da criança com o adulto, excluindo-a totalmente do mundo dos adultos. Mas, isso só veio ocorrer no fim do século XVII e início do século XVIII, como o surgimento da família moderna, onde passou a separar a casa do trabalho.

Com o intuito de separar as crianças do mundo dos adultos, os números de escolas e pensões aumentaram, para cuidar da educação essas crianças eram submetidas a castigos corporais severos e doutrina muito rígida. As escolas eram destinadas apenas aos meninos. As meninas eram educadas em casa. A escola para as meninas surgiu no século XVIII, ao início do século XX e eram separadas dos meninos.

No século XX surgiram Leis que garantiam os direitos das crianças. Isentando-as de trabalharem e dando-lhes direito de uma educação de qualidade e gratuita, pois as pessoas de baixa renda não frequentavam a escola. As escolas já eram destinadas a todos. As preocupações das famílias referentes a educação de seus filhos aumentaram, e a família tornou-se cada vez mais próxima da escola, para que pudesse garantir uma educação de qualidade e um futuro melhor para seus filhos.

E ficou cada vez mais certo de que o trabalho da escola juntamente com a família, contribui de forma significativa, para o aprendizado da criança. Onde ambos cumprem um papel diferente na vida da criança. Cabendo a família a missão de educar e as escola a missão de alfabetizar. Assim, a partir dos estudos sobre a infância, busca-se compreender a relação escola – família no interior da escola hoje. Nesse sentido, este trabalho busca mostrar a importância da relação família - escola no processo de alfabetização, que corresponde ao primeiro ano das séries iniciais do ensino fundamental.

O primeiro capítulo deste trabalho trata da história da criança e da família, baseada na obra de Philippe Ariés (1960), *A História Social da Criança e da Família*. No segundo capítulo, realizamos estudos bibliográficos relacionados a importância da família em parceria com a escola no processo de aprendizagem e por fim, no terceiro capítulo apresentamos um levantamento de dados, obtidos através de dois anos de estágio e entrevistas realizadas com os profissionais escolares. Onde foram entrevistados cinco professores, cinco diretores, quatro coordenadores pedagógicos,

e cinco pais de alunos. A seguir introduzimos o nosso primeiro capítulo com os estudos sobre a trajetória histórica da criança e da família ao longo do tempo, a fim de situarmos o debate sobre a temática infância no contexto das relações sociais.

2 CAPÍTULO I

A história da criança e da família em seu contexto social

A história da criança nem sempre foi como nos dias de hoje, onde as crianças são tratadas como crianças, onde cada idade tem sua forma de tratamento, isso em determinados setores da sociedade que respeitam a infância. Com o passar dos anos a história da criança foi sendo mudada e a qualidade de vida das crianças foi sendo melhorada de acordo com estudos sobre a infância e o surgimento desta consciência. Até o fim do século XVI a infância era simplesmente negada. E com o surgimento da Revolução Industrial, das indústrias, e dos estudos sobre a infância por volta século XVIII, a infância deixou de ser negada e passou a ser industrializada. As crianças passaram a ter direitos já no final do século XIX. Surgindo leis que pudessem assegurar seus direitos.

A idade da infância passou por diversas transformações desde o século XVI até a atualidade. Séculos atrás, não era determinada idade certa para as fases da vida, pois pessoas com vinte e quatro anos eram determinadas ainda como crianças. No século XVII a infância passou por uma evolução onde a infância estava ligada a ideia de dependência, ou seja, a criança só deixaria de ser criança a partir do momento em que a pessoa deixava de ser dependente de seus familiares, ainda não havia a associação do fim da infância a puberdade.

Durante o século XII, houve uma evolução: o antigo costume se conservou nas classes sociais mais dependentes, enquanto um novo hábito surgiu entre a burguesia, onde a palavra infância se restringiu ao seu sentido moderno. A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a ideia de limitar a infância pela puberdade, à ideia de infância estava ligada à ideia de dependência. [...] Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total [...]. (Philippe Ariés 1960 p. 42)

No século XVI a infância era separada em três fases, pequena, média e grande, onde as crianças pequenas, ou seja, os bebês que receberam esse nome pouco tempo antes do século XIX havia necessidade de um cuidado maior, pois a taxa de natalidade e mortalidade infantil nessa época era muito grande, tanto que os familiares

procuravam não se apegar as crianças, pois a chance de falecimento nessa fase era muito grande. Nessa época a criança era considerada ser insignificante e que por muitos anos foram enterrados nos quintais de suas casas. Muitas vezes esses bebês eram abandonados ainda mesmo vivos.

Não se pensava como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. [...] Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época. Persistiu até o século XIX, no campo, na medida em que era compatível com o cristianismo, que respeitava na criança batizada a alma imortal. Consta que durante muito tempo se conservou no País Basco o hábito de enterrar em casa, no jardim, a criança morta sem batismo. Talvez houvesse aí uma sobrevivência de ritos muito antigos, de oferendas sacrificais. [...] A criança era tão insignificante, tão mal entrada na vida, que não se temia que após a morte ela voltasse para importunar os vivos. [...] Esse sentimento de indiferença com relação a infância demasiado frágil, em que a possibilidade de perda é muito grande, no fundo não está muito longe da insensibilidade das sociedades romanas e chinesas, que praticavam o abandono das crianças recém-nascidas. (Philippe Ariés 1960 p. 57)

A primeira idade era chamada de *enfant*¹, que significa não falante, essa ideia se dava desde o nascimento até aos sete anos, pois nessa idade, as crianças não falavam direito e por consequência, não formava ainda claramente suas palavras. As crianças que sobreviviam e chegavam aos sete anos de idade, eram tratados como um adulto em miniatura, e eram introduzidas ao mundo adulto sem nenhum preparo.



Outra característica da época era entregar a criança para que outra família a educasse. O retorno para casa se dava aos sete anos, se sobrevivesse, nesta idade já estaria apta para ser inserida na vida da família e no trabalho. Apesar de tudo, as

¹ Palavra francesas para designar criança

peças se preocupavam em ter filhos, para que anos depois, elas pudessem cuidar de seus pais. Nesse contexto, as mudanças com relação ao cuidado com a criança, só vêm ocorrer mais tarde, no século XVII, com a interferência dos poderes públicos, da escola e com a preocupação da Igreja em não aceitar passivamente o infanticídio, antes secretamente tolerado.

Por volta de 1490 os padres, passaram a não aceitar que as crianças morressem sem o batismo, para isso as crianças que morriam sem essa unção eram ressuscitadas para que recebessem o batismo e logo depois faleciam novamente. Na idade média não existia um termo específico para criança, pois o próprio termo foi usado para designar soldados, o sentimento mais próximo utilizado foi o termo “paparicação”.



A representação da criança, aos poucos, vai se transformando, assim como as relações familiares. A mudança cultural, influenciada por todas as transformações sociais, políticas e econômicas que a sociedade vem sofrendo, aponta para mudanças no interior da família e das relações estabelecidas entre pais e filhos. A criança passa a ser educada pela própria família, o que fez com que se despertasse um sentimento de afeto.

A partir dos séculos XVII para o XVIII, com o surgimento deste sentimento de apego e afeto, a criança passa a ser definida como um período de ingenuidade e fragilidade, que deve receber todos os incentivos possíveis para sua felicidade. O início do processo de mudança, por sua vez, nos fins da Idade Média, tem como marca o ato de mimar e paparicar as crianças, vistas como meio de entretenimento dos adultos, sobretudo, nas classes elitizadas.

A morte já passa a ser auferida com dor e sofrimento. Já no século XVII, as perspectivas transitam para o campo da moral, sob forte influência de um movimento promovido por Igrejas, leis e pelo Estado, onde a educação ganha terreno: trata-se de um instrumento que surge para colocar a criança em seu lugar, assim como se fez com os loucos, as prostitutas e os pobres. Embora com uma função disciplinadora.

A segunda idade, dura até aos quatorzes anos, e depois disso vem a adolescência, que de acordo com Constantino se encerra aos vinte e um anos. As crianças consideradas grandes, eram também educadas à missa, e que eram destinadas às ordens, espécies de seminaristas, numa época em que não havia seminários, e em que apenas a escola latina se destinava a formação dos clérigos.

O termo adolescência surgiu no século XVIII, mas só a partir do século XX passou a ser estudado, por conta da preocupação dos moralistas e dos políticos com o interesse de saber o que pensava a juventude “o adolescente moderno” do ano de 1900 que surgiu como depositária de novos valores, capazes de reavivar uma sociedade velha esclerosada² e com isso passou a existir após a infância a adolescência. Por volta do século XIII, assim que as crianças deixavam os panos enrolado em volta da barriga, eram vestidas igual ao adulto em sua condição. O traje da época comprova o quanto a infância era tão pouco particularizada da via real.



² Termo usado por Philippe Ariés para designar a preocupação dos moralistas em relação a sociedade moderna

Nada, no traje medieval, separava a criança do adulto. Somente no século XVII, até uma certa idade, as crianças de classe burguesa, deixaram de ser vestidas como os adultos. Alguns trajes para crianças menores do sexo masculino, entre dois a cinco anos, eram usados vestidos compridos, diferentes dos vestidos femininos, eles eram abertos na frente e fechados ora com botões, ora com agulhetas, parecendo uma sotaina eclesiástica³

Esses vestidos foram usados pelos meninos pequenos durante todo o século XVII se prolongando pelo século XVIII, que passou por uma pequena mudança, deixando de ser abotoado na frente, mas ainda era diferente das meninas. Esse vestido em forma de sotaina, não era a primeira roupa da criança depois que deixava o cuero⁴, os meninos menores, eram vestidos igual mulherzinha: saia, vestido e avental.

Tornou-se hábito os vestir como meninas no século XVI, colocavam-se nas crianças uma camisola curta, meias bem quentes, uma anágua grossa e o vestido de cima, que tolhe os ombros e os quadris com uma grande quantidade de tecidos e pregas, o que na época eram desconfortáveis, pelo volume de tecido que tornavam essas vestes muito quente. Os trajes dos meninos foram os primeiros a serem estudados, pois muitas vezes eles eram confundidos com as meninas, já que os menores de três anos de idade eram vestidos como meninas. A preocupação em distinguir a criança tem se limitado principalmente aos meninos, as meninas só foram distinguidas pelas mangas falsas, onde as mangas dos vestidos podiam ser retiradas.

Tornou-se impossível distinguir um menino de uma menina, antes dos quatros ou cinco anos, e esse hábito se fixou de maneira definitiva durante cerca de dois séculos. Por volta de 1770, os meninos deixaram de usar o vestido gola aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareciam após a primeira Guerra Mundial, e seu abandono deve ser relacionado com o abandono do espartilho das mulheres: uma revolução do traje que traduz a mudança dos costumes. (Philippe Ariés, 1960 p.78)

Essa moda se estendeu por dois séculos, tendo fim de uma vez por todas, no final do século XIX, mas sentia-se a necessidade de um traje voltada às crianças, que até então elas vestiam-se com adultos. Essa moda de separar o traja adulto do infantil,

³ É uma veste eclesiástica, própria de diáconos, presbíteros, bispos e seminaristas.

⁴ Pano leve e macio com que se envolvem as crianças de colo.

surgiu na classe burguesa, nas classes altas, o que foi de suma importância, pois assim a infância passou a ser olhada de forma peculiar.

Mas sentia-se a necessidade de separá-las de forma visível, através do traje. Escolheu-se então para elas um traje cuja tradição fora conservada em certas classes, mas que ninguém mais usava. A adoção de um traje peculiar à infância, que se tornou geral nas classes altas a partir do fim do século XVI, marca uma data muito importante na formação do sentimento da infância, esse sentimento que constitui as crianças numa sociedade separada da dos adultos. (Philippe Ariés 1960 p. 77)

No final do século XVI e início do século XVII, os meninos frequentavam o colégio, eles foram os primeiros a se especializarem, e o ensino das meninas começou bem mais tarde, se desenvolvendo de forma lenta e tardia. Sem escolaridade própria, as meninas eram muito cedo confundidas com as mulheres, assim como os meninos eram confundidos com os homens.

Outra moda que surgiu foi o gosto pelo disfarce, onde as crianças de família burguesa, adotou traços das roupas das classes populares ou do uniforme de trabalho. Durante o reinado de Luiz XVI, o traje da criança bem vestida era arcaizante de gola renascimento, popular, calças compridas e militar, túnica e botões do uniforme militar. No século XVII não existia uma roupa propriamente popular ou trajes regionais, os pobres usavam roupas usadas que lhes eram dadas ou então que compravam em belchiores⁵. Advindo do século XIV, em que as crianças eram vestidas como os adultos, as mudanças afetaram os meninos, porém o sentimento da infância primeiramente os beneficiou, enquanto as meninas prosseguiram por mais tempo no modo de vida tradicional, sendo confundidas por um tempo maior com os adultos.

A caracterização da infância por muito tempo se delimitou aos meninos, porém essas vestes se restringiram apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças de baixa classe, os filhos dos camponeses, artesãos e etc. permaneciam a usar os mesmos trajes dos adultos, jamais eram vistas com vestidos compridos ou manga falsas, pois mantiveram o antigo modo de vida, que não diferenciava as crianças dos adultos, nem através do traje, do trabalho e nem através dos jogos e brincadeiras.

Era muito triste as condições em que as crianças dessas épocas estavam submetidas, a triste realidade vivenciada por elas, onde desde cedo, além de lutar

⁵ Local onde vende roupas e artigos usados.

pela vida, tinham que lutar pela sobrevivência, sendo inserida muito cedo no mundo adulto, sem nenhum pudor, preparo físico e psicológico. O filme *Oliver Twist*⁶, mostra a dura realidade de um menino órfão que nasceu em uma cidadezinha na Inglaterra no início do século XIX, que viveu muito tempo em uma espécie de orfanato, uma casa de caridade, onde as crianças eram tratadas de forma rígida. Após ser expulso da casa de caridade, passou a viver na rua, fugindo para Londres, juntou-se com outras crianças, que furtavam as pessoas nas ruas induzidas por um homem de idade. Esse homem lhes dava abrigo, desde que pagassem, ou seja, eles eram obrigados a roubar para pagar pela sua estadia.

Séculos atrás, quando sobreviviam, desde cedo as crianças já eram inseridas no mundo dos adultos, e isso também sucedia nos jogos e brincadeiras. Não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e jogos reservados as crianças e brincadeiras e jogos dos adultos. Os jogos e brincadeiras eram comuns a ambos. Em meados século XVII, a música era muito importante nas famílias nobres, pois as crianças que tocavam diversos tipos de instrumentos, eram consideradas prendadas.

Existiam brincadeiras própria para as crianças, elas brincavam com cavalos de pau, pássaro preso no cordão, e quando muito pequena, aproximadamente com dois anos de idade, brincavam com bonecos (as). Não havia separação de gênero, para as brincadeiras com bonecas, tanto os meninos quanto as meninas brincavam e costumavam ser presenteadas com bonecas *theu theu* (bonecas da moda), que nos tempos de hoje associa-se a boneca *barbie*, que era muito famosa e apreciadas pelas mulheres. Do século XVI ao século XIX, a boneca serviu às mulheres elegantes como manequim de moda.

Essas brincadeiras provavelmente eram imitações, da realidade dos adultos, temos como exemplo o cavalo de pau, em uma época em que o cavalo era o principal meio de transporte e de atração. Da mesma forma, as pás que giravam na ponta da vareta, só podiam ser as imitações feitas pelas crianças. A técnica dos moinhos de vento introduzida na Idade Média. Até nos dias de hoje as crianças imitam caminhão,

⁶ É um romance de Charles Dickens que relata as aventuras de um rapaz órfão do século XIX.

carros e etc. costumavam também, acompanhar seus pais em eventos, como: teatro, balé, musicais e etc.

Os meninos jogavam cartas, arco e vários outros jogos existentes na época. Tanto na Grécia antiga, como na Grécia moderna, nos primeiros dias de março os meninos faziam andorinha de madeira enfeitada com flores, que giravam em torno de um eixo, e levavam de casa em casa para receberem presentes. Essas andorinhas não era apenas brinquedos, mas sim um componente de uma festa coletiva e sazonal, da qual os jovens participavam, desempenhando o papel que sua classe e idade lhe atribuía, e só mais tarde, após o evento, esse pássaro se tornaria um brinquedo. Outro ritual festivo do século XVIII, era a festa da juventude, onde os meninos pulavam sobre odres que é um recipiente feito de pele de animal, cheios de vinho, e as meninas eram empurradas em balanços.

Nessa época existia uma relação estreita entre a cerimônia religiosa comunitária e a brincadeira. Com o passar dos anos, a brincadeira se despreendeu do simbolismo religioso e perdeu seu caráter comunitário, se tornando profana e individual, sendo assim cada vez mais reservadas às crianças.

Os objetos em miniatura, como: cadeirinhas ou um outro movelzinho, uma louça minúscula por exemplo, hoje usados, nas brincadeiras de meninas, de modo algum eram destinadas as brincadeiras de crianças, pois faziam parte de decorações, onde costumavam ser presentes. Assim também ocorria com os fantoches inventados no ano 1747 em Paris, que representavam a comédia italiana, os padeiros e os pastores e pastoras, naquela época, esses fantoches divertiam e dominava Paris⁷ de tal forma, que encontravam- as casas que em todas as casas haviam pendurados nas lareiras.

Com o tempo as pessoas de sociedade, foram se ocupando, deixando assim, as brincadeiras exclusivamente para as crianças, da mesma maneira aconteceu com o teatro de marionetes, que foi uma manifestação da arte popular, da ilusão em miniaturas, que hoje é pensado e usado para diversão das crianças.

⁷ Capital da França.

Encontra-se em torno dos brinquedos da primeira infância, uma certa ambivalência, que começava a extinguir-se em torno dos anos de 1600, onde a especialização infantil dos brinquedos já estava então consumada, com algumas diferenças de detalhe com relação ao nosso uso atual, ou seja, a boneca não se reservava apenas às meninas, assim como os meninos brincavam com elas, a discriminação moderna entre meninos e meninas eram menos nítida na primeira infância, ou seja, ambos os sexos usavam os mesmos trajes. A infância tornava-se o repositório dos costumes abandonados pelos adultos.

Em meados do século XVII, as brincadeiras atingiam apenas a primeira infância, após os três ou quatro anos ela se atenuava e desaparecia. A partir disso as crianças jogavam os mesmos jogos e participavam das mesmas brincadeiras que os adultos. Não sentia um sentimento de repulsa em deixar as crianças jogarem assim que se tornava capazes. Jogavam cartas e até apostavam dinheiro.

Esses jogos de azar, onde jogavam-se apostados, não provocavam nenhuma reprovação moral, não havia razão para proibi-los. Com o passar dos anos foi surgindo peso na consciência aos jogos de aposta. A consciência pesada moderna resultou do processo de moralização em profundidade que fez a sociedade do século XIX, uma sociedade de conservadores.

Os jogos de aposta passaram a ser proibidas em várias escolas por volta do século XV, onde os padres eram líderes dessas instituições, as escolas nessa época eram ligadas à igreja católica e quaisquer jogos que fossem considerados desonestos eram totalmente proibidos, que poderia gerar multas, caso algum dos alunos fossem pegos praticando, e aqueles que eram bolsistas seriam punidos com a perda do benefício.

Quase não havia recreação nas instituições de ensino. Esses estudantes, eram divididos em dois grupos, os internos, que pagavam pensão, e como já havia citado, os bolsistas, e cada grupo viviam separados. Os bolsistas tinham menos tempo para recreação, jogavam menos e com menos frequência, pois tinham a obrigação de ser melhores alunos.

Por mais que esses jogos fossem proibidos nas instituições de ensino, os alunos jogavam em segredo cartas e xadrez, e as crianças mais indisciplinadas,

jogavam dados. Os estudantes, assim como qualquer menino, frequentavam lugares de entretenimento, como, tavernas (local de bebidas) e bordéis, lugares que hoje são reservados apenas aos adultos.

As brincadeiras não eram tão diferentes aos dias de hoje, pois elas brincavam de esconde-esconde, cabra cega, boliche, malha e outras que foram desaparecendo com o passar dos anos, através dos estudos sobre a infância e a chegada da modernidade. Os adultos se inseriam juntamente com as crianças e se divertiam, tanto em jogos e brincadeiras quantos nas festas sazonais, onde reuniam regularmente toda a coletividade. Na sociedade atual, é difícil imaginar a importância dos jogos e das festas na sociedade antiga.

Nos dias de hoje, tanto para o homem da cidade como para o do campo, existe apenas uma margem muito estreita entre uma atividade profissional diligente e uma vocação familiar impreterível e exclusivo, onde toda a bibliografia política e social, reflexo da opinião contemporânea, trata das condições de vida e de trabalho, incluindo as conquistas populares, um sindicato que protege os salários reais e os seguros que reduzem o risco da doença e do desemprego e o direito a uma aposentadoria.

Com outros objetivos, a sociedade atual deixou as brincadeiras e a diversão, se tornando algo vergonhoso deixando esse papel exclusivamente para as crianças, e nesse século que vivenciamos, as brincadeiras de socialização onde uns interagem com os outros estão ficando cada vez mais escassa, abrindo espaço para a tecnologia e para um mundo virtual, deixando as crianças e até mesmos os adultos, pessoas cada vez mais individualista.

As festas naquela época tinham grande importância e as crianças tinham um papel essencial nessas cerimônias. No calendário da Idade Média havia uma dala destinadas aos santos inocentes, onde as crianças ocupavam a igreja e dentre elas, era eleito um bispo que conduzia a cerimônia, e finalizava com uma procissão, coleta e banquete.

Ocorria também a terça feira gorda, a festa dos meninos da escola, pois as meninas não eram destinadas aos estudos, onde cada criança levava seu galo de briga para o mestre (instrutor ou professor). E até hoje, século XXI, acontece esse tipo de competição, mas destinadas aos adultos. Essa festa dava início com a briga de

galos pela manhã, e no período da tarde, os jovens saíam para o jogo de bola, onde reuniam várias comunidades numa ação coletiva, opondo ora duas paróquias, ora dois grupos de idade.

No século XVI, na França em Avignol, também chamada de Avinhão, aconteciam a festa de carnaval, que eram destinadas aos estudantes, onde tinham o direito de surrar os judeus e as prostitutas. Já nas cerimônias de maio a infância era associada a vegetação onde um bando de crianças percorriam a aldeia atrás da Árvore de maio (chamada de *Maibaum*, que celebra a fertilidade e as colheitas).

As crianças menores usavam coroas de flores na cabeça, e os adultos ficavam nas soleiras das portas para receber o cortejo das crianças. Essa festa estava associada a ideia de renascimento da vegetação, onde as árvores levadas pelas ruas eram plantadas. Era comum naquela época as crianças participarem e terem papéis fundamentais nas festas e cerimônias, pois era considerado normal as crianças, (especificamente os meninos) acompanharem seus pais após certa idade.

Qualquer que fosse o papel atribuído a infância e a juventude, primordialmente na festa de maio (onde as crianças percorriam atrás da Árvore de maio), ocasional na festa de Reis (uma das festas mais importante da época de 1600 a 1800) eles obedeciam sempre a um protocolo tradicional e correspondia às regras de um jogo coletivo que mobilizava todo o grupo social e todas as classes de idade.

Por volta do século XV ao XVIII, se estendendo em alguns países até o início do século XIX, costumavam-se em reuniões de família, quase sempre em ocasião de refeição, havia um lugar para a música e a dança na vida cotidiana, onde era hábito as crianças cantarem para os adultos. A música fazia parte da educação das crianças, pois aquelas consideradas prendadas, cantavam e tocavam, eram de praxe essa ação nos meios nobres e burgueses.

Já nas classes mais populares, entre os camponeses e os mendigos, os instrumentos mais utilizados, eram a gaita de foles⁸, o realejo⁹ e a rebeca¹⁰, que ainda

⁸ Era um instrumento antigo, usado pelos povos mais pobres e foi feito usando pele de ovelha ou cabra e um tubo de sopro.

⁹ É um instrumento musical que toca uma música predefinida quando se gira uma manivela.

¹⁰ Um instrumento semelhante em aparência ao violino, porém com uma forma semelhante a uma gota ou uma pêra.

não havia sido elevada a dignidade do violino atual. As crianças praticavam a música desde muito cedo e aprendiam a cantar canções populares ou satíricas, canções nada parecidas com as cantigas de roda.

As cantigas satíricas, eram canções de cunho humorístico, que buscavam, parodiar as cantigas de amor, ironizar o clero, as classes abastadas da sociedade, bem como a miséria dos infanções, que eram uma das classes que compunham a nobreza portuguesa no século XII, uma classe inferior à dos ricos homens e superior à de cavaleiro. Após os jogos serem mal vistos, pelos moralistas da sociedade moderna e proibido nas escolas, o jogo de péla praticado no século XII e teve fim do século XVII, o futebol, e demais jogos que estimulassem a atividade física, passou a ser disciplina nas escolas, e começaram a enxergar a necessidade da prática de exercício, principalmente para os futuros cavaleiros, onde a prática de exercícios os preparavam fisicamente para a profissão.

A péla era um dos jogos mais apresentados entre os jogos desportivos, durante vários séculos, foi o jogo mais popular e comum, entre todas as classes sociais, deixando de existir no final do século XVII, e aos poucos, as quadras de péla deixaram de existir, chegando ao século XIX, com apenas duas quadras. A partir do século XVII houve uma distinção entre os jogos dos adultos e dos nobres, das crianças e trabalhadores (vilão).

Na Idade Média as regras se aplicavam apenas a certos jogos, poucos numerosos e muito particulares. Antes da constituição definitiva da ideia de nobreza, os jogos eram destinados a todos, independentemente de sua classe social. No século XII certos jogos já eram destinados a cavaleiros, como: torneios e argolinha (jogos de cavalaria), destinados somente aos adultos. Sendo proibidos para os plebeus e crianças, mesmo as da nobreza, mas as crianças buscavam imitar essa prática, onde subiam em barris para dizer que eram seus cavalos.

A prática dos torneios, foram abandonadas no final do século XVI, com o surgimento de novos jogos, que substituíssem essa prática nas assembleias de jovens nobres, na corte e nas aulas preparação militar das Academias, onde, durante a metade do século XVII, os fidalgos aprendiam a manejar as armas e equitação.

As brincadeiras e os jogos, passaram por diversas transformações. Com os passar dos anos, foram surgindo novos conceitos para brinquedos e brincadeiras, onde alguns foram mal vistos pela sociedade moderna, deixando de serem praticados e passando a não existir, outros passaram por modificações, e ainda existem. Os adultos foram se ocupando cada vez mais, perdendo a prática das brincadeiras, deixando-as apenas para as crianças.

Nos séculos XV, XVI e XVII, eram comuns tratar as crianças como se fossem adultos, não havia nenhuma restrição a se tratar da sexualidade. Era comum os meninos pequenos, de um a seis anos de idade, brincarem com suas partes íntimas, os adultos achavam engraçado esse tipo de comportamento dos meninos. Não havia restrição em coito e em palavras, as crianças viam e ouviam tudo o que os adultos praticavam e falavam. A sexualidade eram-lhes desde cedo estimuladas, até que chegassem a idade à serem inseridas na sociedade.

A educação dessas crianças surge praticamente aos sete anos de idade, esses escrúpulos tardios de decência, devem ser atribuídos ao início de reforma dos costumes, sinal da reprovação religiosa e moral do século XVII, era como se o valor da educação, começasse com a aproximação da idade adulta. O casamento era outra questão que lhes eram estimuladas desde cedo, muitas vezes, já eram comprometidas, antes mesmo de aprender a falar.

O matrimônio acontecia precocemente, por volta dos quatorze anos para os meninos, e dos doze para as meninas. Com o passar do tempo, os meninos casavam-se cada vez mais tarde e as meninas ainda muito cedo, e em consequência disso a gravidez, que hoje consideramos precoce. Essa prática, era comum em todas as classes sociais, tanto para os nobres, quanto para os trabalhadores. Esse ato familiar de associar as crianças às brincadeiras sexuais dos adultos, faziam parte dos costumes da época e não chocavam o senso comum.

O respeito com as crianças, era totalmente ignorado no século XVI. Os adultos se permitiam tudo diante delas, linguagens grosseiras, ações e situações escabrosas, que hoje consideramos comportamentos absurdos e inaceitáveis. As crianças dormiam na companhia de um adulto, seja com seus pais ou com criados, onde não consideravam desconforto praticarem a relação sexual na frente das crianças.

Os meninos pequenos, brincavam e mostravam seu pênis, na frente de qualquer pessoa, pois tal comportamento era considerado normal, além disso, as crianças eram consideradas públicas onde quaisquer pessoas podiam tocá-las. Os gestos e contatos físicos, só passavam a ser proibidos quando as crianças atingiam a puberdade, praticamente, a fase adulta, pois acreditavam que a criança impúbere¹¹ fosse alheia e indiferente a sexualidade. Além disso, na opinião geral, não se acreditavam, que realmente existia a inocência.

Nem todos tinham essa concepção. Havia estudiosos e educadores, que tinha outro conceito relacionada a infância. Gerson¹², teve grande importância na descoberta da inocência, foi um que estudou a infância e o comportamento sexual das crianças, pois ele sabia que a masturbação e a ereção sem ejaculação eram práticas generalizadas. Ele fez triunfar idéias, que hoje, em pleno século XXI, são as nossas.

Gerson afirmava que deviam evitar que as crianças se beijassem, se tocassem com as mãos nuas, ou se olhem durante as brincadeiras, pois a sexualidade das crianças, deviam-se evitar a libertinagem entre pequenos e grandes, ao menos na cama, com pessoas mais velhas, mesmo que sejam do mesmo sexo. A domesticidade na mesma cama era uma prática muito comum em todas as camadas sociais.

Através das obras bibliográficas de grandes estudiosos, onde estudaram a infância, surgiu o reconhecimento da inocência infantil. Através de estudos sobre as crianças e o reconhecimento da infância, surgiram obras literárias que falavam a respeito do comportamento infantil e regulamentos, que eram seguidos à risca, pelas instituições de ensino e pensões. O pudor nas escolas jesuítas introduziram precauções inabituais especificadas em regulamentos, com respeito a administração dos castigos corporais, não era preciso tirar a roupa do castigado, em qualquer que fosse a condição ou idade, descobria-se apenas a parte necessária para a aplicação da pena.

No XVII, os padres jesuítas publicaram manuais de civilidade ou adotaram os existentes como livros habituais, ao mesmo tempo em que se realizaram expurgos nos autores antigos ou patrocinaram tratados de ginástica: um exemplo é o livro *Bienséance de la conversation entre les hommes*, publicado

¹¹ É aquele que, em razão da idade, não alcançou a capacidade jurídica plena para o exercício de seus direitos. Nesse caso, crianças menores de sete anos.

¹² Moralista, estudioso sobre a infância, que teve grande influência no comportamento da sociedade em relação as crianças.

em 1617 em Port-à-Mousson para os internatos da Companhia de Jesus em Port-à-Mousson e La Flèche. As Règles de la benseance et de la civilité chrétienne, destinadas às escolas cristãs de meninos, de São João Batista de La Salle, publicado em 1713, seria reeditadas ao longo do século XVII e mesmo no início do século XIX: foi um livro durante muito tempo considerado clássico e cuja influência sobre os costumes foi sem dúvida considerável [...].(Philippe Ariès 1960 p. 147)

Esses manuais não se dirigiam de forma aberta e diretamente as crianças, certos conselhos eram destinados mais ao pais, no entanto eram livros usados para as crianças aprenderem a ler, que fornecia exemplos de escrita, servia de modelo de conduta e que eles tinham que saber de cor. No século XVII, certos estudiosos os viam de uma outra forma, associavam-nas como anjos, eram consideradas protegidas de Deus, e vários autores, abordavam a importância de cuidá-las e protegê-las. Baseado na literatura, acreditavam-se que deveriam haver princípios para com elas. O primeiro princípio, defendia a ideia que de forma alguma deveria deixar as crianças sozinhas.

Passaram a considerar as crianças seres que precisam de cuidados e atenção, com isso surgiram a multiplicação de instituições educacionais e conseqüentemente a evolução dos hábitos escolares em direção a uma disciplina mais rigorosa. Passaram-se a cuidar mais das crianças e vigiá-las, esse princípio se dava de forma mais rigorosa nas escolas jesuítas e em algumas pensões particulares, estabelecimentos que abrigava crianças de alta classe.

O segundo princípio declarava que dever-se-ia evitar mimar as crianças, habituando-as desde cedo a seriedade, onde tratava-se de uma reação contra a paparicação das crianças de menos de oito anos, e contra a opinião de que elas eram muito pequenas para serem repreendidas, pois antes dos oito anos, tudo lhes eram permitidos, os pais acreditavam que, só era certo corrigi-las, quando fossem maior. O que na visão dos estudiosos, não seria uma boa ideia, em suas concepções, seria muito cruel para com eles, seres corrigidos apenas quando grandes.

O terceiro princípio, logo que as crianças iam deitar-se, eram fielmente visitadas em cada cama, para verificar se de fato, estavam deitadas, cada um no seu lugar, e ver se estavam bem cobertas no inverno. Uma campanha tentava explicar o hábito enraizado de deitar várias crianças na mesma cama, que se repetiu ao longo de todo o século XVII. Tentaram-se então mostrar, o erro que os pais cometiam em permitir

que seus filhos dormissem com outras pessoas, prática que era muito comum, onde as crianças não eram privadas de presenciar cenas indecentes.

Com o surgimento da decência, através dos estudos sobre a infância e a descoberta da inocência, passaram-se a surgir novas regras e várias preocupações destinadas a educação das crianças, os pais foram introduzindo cada vez mais as crianças nas escolas, e as escolas foram impondo regras e se tornando cada vez mais rígidas e várias mudanças foram ocorrendo. Surgiu a preocupação com a literatura, pois não havia uma distinção do que era para os adultos e do que eram para as crianças. Passaram a proibi-las de ler várias obras, inclusive algumas se tornaram imoral até mesmo para os adultos e ocorreu mudanças, nas formas de tratamento e até mesmo no vocabulário. Os moralistas queriam isolar as crianças para preservá-las das brincadeiras e dos gestos indecentes.

Muitas vezes na literatura pedagógica, repetia-se extremamente preocupada com a “modéstia”, que se tratava em não deixar as crianças na companhia de criados, ou deixá-los o mínimo possível, pois não havia cautela em evitar que as crianças ouvissem e vissem, palavras e comportamentos impróprios. As crianças deveriam falar e comportar-se sempre com decência, respeitando uns aos outros, ler livros voltados para eles, serem tratados e reproduzir a decência, que é do que se trata o quarto princípio.

Onde tratava-se apenas a uma outra aplicação da preocupação com a decência e a modéstia, dissipar a antiga familiaridade e substituí-la por uma que tenha cautela na postura e na linguagem, mesmo que fosse na vida cotidiana. Esse princípio se traduzia pela luta contra o emprego do pronome tu, que no manual de civilidade de 1671, considera que a boa educação, exige o tratamento vós, atualmente conhecido como você, que sob pressão, tornou-se mais comum.

Incluía-se aos adultos o papel de incentivar as crianças a falarem sempre de modo razoável, e nunca se acomodar a linguagem infantil ou de maneira banais, buscando sempre elevar seu nível, onde essa imposição aplicava-se mais às meninas. O sentido da infância resultou em preservá-la da sordidez da vida, em particular, a sexualidade tolerada, desenvolvendo o caráter e a razão.

De um lado a infância é conservada e do outro, é tornada mais velha do que realmente é. Todos os esforços e estudos relacionados a infância e discutidos pelos moralistas, precedeu-se de fato, a partir do século XIX, tornando-se cada vez mais influente. Os estudos feitos pelos moralistas foram se destacando na sociedade, e pouco a pouco se inserindo, primeiramente nas cidades e depois nos campos.

Nosso sentimento contemporâneo da infância caracteriza-se por uma associação da infância ao primitivismo e ao irracionalismo ou prélogismo. Essa ideia surgiu com Rousseau, mas pertence a história do século XX. Há apenas muito pouco tempo ela passou das teorias dos psicólogos, pedagogos, psiquiatras e psicanalistas para o senso comum. [...]. E nessa ideia reconhecemos a sobrevivência de um outro sentimento da infância, diferente e mais antigo, que surgiu nos séculos XV e XVI e se tornou geral e popular a partir do século XVII. (Philippe Ariés 1960 p. 146)

Outro manual de civilidade foi criado na segunda metade do século XVIII, em 1761, considerado decente e inocente para a instrução das crianças, como uma forma de aprender a escrever corretamente, pois os antigos manuais já não eram considerados adequados para ensinar as crianças. Esse manual foi escrito por um missionário com preceitos e instruções a serem ensinadas à juventude, onde o autor dirigia-se supostamente às crianças de modo sentimental. Mas essa doçura não diminui o caráter de razão e dignidade que o autor desejava despertar nas crianças, mas o domínio das crianças já estava bem separada do dos adultos.

A leitura deste livro não vos será inútil, caras crianças, ele vos ensinará... Observai contudo, caras crianças...". "Cara criança, que considero como filho de Deus e irmão de Jesus Cristo, começai cedo a praticar o bem... Pretendo ensinar-vos as regras de um cristão decente." "Assim que vos levantardes, fazei o sinal da cruz." "se estiverdes no quarto de vosso pai e vossa mãe, dai-lhes bom dia a seguir." Na escola, "não incomodeis vossos companheiros..." "não converseis na escola." "não utilizeis com tanta facilidade a palavra tu ou toi"..." "minhas caras crianças, não sejais daquelas que falam sem cessar e não dão tempo aos outros de dizer o que pensam". "cumprí vossas promessas, pois age o homem de bem." O espírito ainda é do século XVII, mas o estilo já pertence ao século XIX. (Philippe Ariés 1960 p. 148)

O sentimento de infância surgiu logo no início do século XVII, com a contribuição de Gerson e vários outros estudiosos da época, com a preocupação desses estudiosos em separar a infância do mundo adulto, surgiram manuais de civilidade, regras para tratar as crianças. Essas regras tornaram-se cada vez mais rígidas, e em consequência surgiram várias instituições de ensino, e de como se comportar de acordo com os manuais, um surgiu no início do século XVII e outro na metade do século XVIII.

As formas de tratar as crianças, foram pouco a pouco passando por transformações, separando-as assim do mundo dos adultos. O catolicismo e a religiosidade das pessoas, era muito vivo, e a igreja teve grande contribuição no surgimento do sentimento da inocência e a preocupação de preservar a infância, tanto que a gravura e a escultura religiosa passaram a dar grande representação do menino Jesus isolado, e não mais junto de Maria, ou o meio da Sacra Família, e uma devoção passou a ser dirigida à infância sagrada, que imediatamente se estabeleceu uma relação entre devoção pela infância e o interesse por ela, que foi a criação de escolas e a preocupação pedagógica.

Houve uma outra grande mudança na segunda metade do século XVIII, as meninas passaram a frequentar as escolas, que até então, eram ensinadas em casa, ou em conventos visando a vida religiosa, que nem sempre seguiram carreira religiosa, e destinavam-se apenas aos meninos de classe burguesa, ou seja, pela minoria. As escolas destinadas as meninas eram separadas dos meninos. No Brasil as meninas passaram a frequentar as escolas no início do século XIX, em 1827.

A figura da alma conduzida por um anjo, representada sob a forma de uma criança ou de um adolescente, tornou-se familiar na iconografia¹³ do século XVI e XVII. As gravuras, esculturas e quadros religiosos, foram de suma importância para a história da infância, pois várias imagens baseavam-se em trechos bíblicos, e associavam-se as crianças como e protegidas por Cristo, por conta disso as crianças eram vistas como anjos de Cristo, e assim estabeleceu-se para as crianças no século XVIII uma religião e uma nova devoção lhes foi praticamente reservada, a devoção do anjo da guarda, pois acreditavam-se que Jesus Cristo concedeu apenas as crianças o privilégio de ter anjos da guarda.

Na Idade Média não existiam festas religiosas da infância, além das grandes festas sazonais que mencionei anteriormente, essas festas geralmente eram mais pagãs que cristãs. Contudo a primeira comunhão tornou-se progressivamente a grande festa religiosa da infância. Hoje em dia primeira comunhão substitui as antigas festas folclóricas abandonadas. Essa cerimônia tornou-se mais visível do sentimento da infância entre os séculos XVII e o fim do século XIX, pois celebrava ao mesmo

¹³ Imagens, pinturas.

tempo seus dois aspectos contraditórios, a inocência da infância e a sua apreciação racional dos mistérios sagrados.

Cabe ressaltar que na sociedade medieval, as crianças não eram desprezadas ou abandonadas, o que não existia era o sentimento da infância, o que não significa o mesmo que afeição, não existia naquela época, o que acreditamos nos dias de hoje, que a criança é um ser inocente. Pela taxa de mortalidade ser muito alta, as crianças pequenas não contavam como parte da sociedade, pois podiam desaparecer, e assim que atingisse o período da mortalidade, eram confundidas com os adultos.

Uma mudança com relação ao sentimento da infância começou a surgir, quando ocorreu a troca dos trajes infantis, separando-as das vestes dos adultos, claro que essa mudança ocorreu apenas nas classes nobres ou burguesas do século XVI e XVII priorizando os meninos pequenos. Surgiu outro sentimento que se aproxima da infância, onde a criança por sua simplicidade, gentileza e graça, tornava uma fonte de distração e de relaxamento para os adultos, um sentimento que hoje comparamos com paparicação, que geralmente essa afeição pertencia as mulheres que cuidavam das crianças, que havia uma afeição maior, como as mães e as amas que naquele tempo eram as empregadas.

Esse sentimento no fim do século XVII, não se restringia apenas as crianças de classes mais altas, do mesmo modo, ocorria com os de baixa classe. As crianças de baixa classe eram consideradas mal-educadas, pelo fato de fazerem apenas o que queriam, sem que seus pais se importassem, pois não tinham as mesmas oportunidades que as crianças de classe superior. As crianças quando levantavam tarde e chegavam atrasadas na escola, eram severamente castigados, muitas não queriam ir quando perdiam o horário.

Surgiu assim outro sentimento destinado a infância, partindo do século XVII, pelos educadores e moralistas, onde expiou-se toda a educação até os dias de hoje, tanto na cidade como no campo, na burguesia ou no povo, onde o apego a infância e a sua peculiaridade não se emitia mais através de distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral, os textos do fim do século XVI e século XVII estão cheios de observações sobre a psicologia infantil, e tentaram ensinar as crianças para melhor adaptar ao seu nível os métodos de educação.

As pessoas passaram a se preocupar com elas e considerá-las testemunho da inocência batismal, semelhantes aos anjos próximos de Cristo, que havia os amados. A família passou tratar as crianças diferentemente do que se via no século XVI, deixaram-nas de fazer parte do mundo dos adultos, ocupando o seu espaço na sociedade e assumindo um lugar central dentro da família, cada idade com suas peculiaridades e obrigações, onde a grande preocupação era sempre fazer dessas crianças pessoas honradas e de bom caráter.

No século XIII, os colégios serviam como asilos para estudantes pobres, fundado por doadores, somente por volta do século XIV, essas pequenas comunidades democráticas tornaram-se instituto de ensino, que foi submetida a uma hierarquia autoritária, assim que as crianças entravam na escola, ingressavam imediatamente no mundo dos adultos. No século XVII surgiram as pensões, que funcionavam sob contratos de aprendizagem no qual as famílias alicerçavam as condições de pensão de seu filho escolar.

Não havia preocupação em separar os estudantes por idade, as famílias ao ingressarem seus filhos nessas instituições, raramente mencionava a idade do menino, pois não havia muita importância, essa preocupação com a idade se tornou importante no século XX. Geralmente os alunos iniciavam seus estudos por volta de seus dez anos de idade, era normal um adulto se misturar as crianças, pois o que importava mesmo era a matéria ser ensinada.

Nas salas reuniam-se meninos e homens de todas as idades, crianças jovens e adultos, as salas eram superlotadas, tinham instituições que comportavam cerca de duzentos alunos ao mesmo tempo. As escolas nem sempre se concedia de espaços amplos, os mestres acomodavam-se no claustro, dentro ou na porta da igreja, e mais tarde, com o surgimento de várias outras escolas autorizadas e com a falta de recursos, se contentava com uma esquina de rua. Geralmente o mestre alugava um local, por um preço regulamentado nas cidades universitárias.

Essas escolas eram independentes umas das outras. Na trajetória da escola, nem sempre os alunos podiam contar com assentos, deferentemente dos dias de hoje, onde cada aluno tem uma cadeira escolar para sentar e um local fixo para assistirem a aula. Passaram-se a usar bancos a partir do século XIV, antes disso forravam-se o chão com palhas e aí sentavam-se. A mistura de idade continuava fora da escola, pois

não cercavam os alunos, o mestre não estava organizado para controlar a vida cotidiana de seus discentes.

As escolas foram sendo modificadas e adaptadas de acordo com o surgimento do sentimento da infância, por volta do século XIII, como havia citado, as escolas não eram instituições de ensino e sim abrigo para as crianças pobres, a partir do século XIV passou por modificações e a escola passou a ser também instituições de ensino. Onde os mestres não havia o controle da vida de seus alunos, a maioria desses alunos moravam em pensões e até mesmo dentro da própria instituição, dificilmente com sua família.

As escolas do século XV ao XVII eram muito rígidas com suas disciplinas. Os jovens escolares eram severamente castigados, e esses castigos eram geralmente corporais, onde os mestres adotavam o uso de chicotes. Todas as crianças e jovens, de qualquer condição social, eram submetidos a um regime comum e eram igualmente surrados, a infância de todas as condições sociais eram submetidos as humilhações e castigos corporais da mesma forma em que castigavam os adultos plebeus.

No século XVIII, com o surgimento do sentimento da infância e sua inocência, os castigos corporais e humilhações passaram a ser repugnadas pela opinião pública que ocasionou sua abolição por volta de 1763. Surgiu a ideia de que a infância, não era uma idade servil e não merecia minuciosamente ser humilhada, pouco a pouco tornou-se habitual não mais chicotear os alunos, mas surgiram outros métodos de castigos e advertência, deixando a brutalidade e as punições corporais para trás, e buscando novos métodos para a aprendizagem dos estudantes.

O relaxamento da antiga disciplina escolar correspondeu a uma nova orientação do sentimento da infância, que não mais se ligava ao sentimento de sua fraqueza e não mais reconhecia a necessidade de sua humilhação. Tratava-se agora de despertar na criança a responsabilidade do adulto, o sentimento de sua dignidade, a criança era menos oposta ao adulto do que preparada para a vida adulta. Essa preocupação não se fazia de uma só vez, brutalmente. Exigia cuidados e etapas, uma formação. Esta foi a nova concepção da educação, que triunfou no século XIX. (Philippe Ariés 1960 p.182).

Compreende-se que por volta do século XV, não existia uma afeição pelas crianças, pois depois de uma certa idade de sete ou nove anos, eles eram colocados nas casas de outras pessoas, tanto os meninos como as meninas, para fazerem o serviço pesado, onde eram chamadas de aprendizes. Isso ocorria em qualquer classe

social, acreditavam-se que suas crianças aprenderiam novas maneiras, assim o serviço doméstico era confundido com a aprendizagem, como forma de educação.

Essa aprendizagem era difundida em todas as classes sociais. Assim as crianças aprendiam a viver através do contato com o dia a dia, a família não podia alimentar um sentimento profundo entre pais e filhos, pois assim que elas atingiam uma determinada idade, eram destinadas à outra família, e na maioria das vezes não voltavam mais para casa. A família na verdade, era uma realidade moral e social, mais que sentimental.

Essa era a forma de educação que se dava por volta do século XV, as escolas em suas exceções eram destinadas aos clérigos, aparece como um caso isolado, reservado a uma categoria muito particular, a escola era uma exceção na Idade Média, passando a se generalizar por volta do século XVII. Os sentimentos da família, passou a se transformar muito lentamente, onde a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola, deixando assim de ser reservada aos clérigos, para se tornar instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto.

Esse progresso se deu através de uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, com a preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos, para mantê-los na inocência primitiva. Assim o costume de enviar as crianças para a casa de outras famílias para serem educadas, foi ficando cada vez mais escassa, e deixando o papel da educação para as escolas. A escolaridade das meninas aconteceu de forma tardia, por volta do século XVIII e início do século XIX, onde uma minoria era enviada a pequenas escolas ou a conventos e a maioria eram ensinadas em casa ou em casa de parentes e etc.

A escola venceu, através da ampliação dos efetivos, do aumento do número de unidades escolares e de sua autoridade moral. Nossa civilização moderna, de base escolar, foi então definitivamente estabelecida e os problemas morais da família apareceram sob uma luz nova, passando a ser vista com outro olhar.

Várias foram as mudanças ocorridas ao longo dos séculos, mas por muitos séculos as crianças não foram tratadas e nem vistas como deviam. Entende-se, que essa mudança ocorreu de forma lenta, com o surgimento da infância e o sentimento

atribuído a ela. Esse sentimento surgiu na Era Industrial, praticamente junto com a modernidade, por muitos anos as crianças foram privadas de seus direitos, e foram vistas de maneira errada.

Claro que para as escolas se tornarem o que são hoje, várias leis foram elaboradas, muitos estudos e pesquisas foram realizados. Com o surgimento de indústrias, precisou-se qualificar profissionais, para inserção de mão de obra no mundo do trabalho. As crianças inseridas nas escolas por volta do século XVIII, para trabalhar nessas indústrias, ou exercer outra função, eram severamente castigadas fisicamente. As escolas por muitos anos não foram destinadas às meninas. Os meninos iam para a escola e as meninas aprendiam em casa, as mulheres não sabiam ler, apenas algumas coisas, que eram voltados a igreja. As mulheres só passaram a ter direito de aprender a ler e a escrever, quase no final do século XVIII, por volta de 1700, 1800, onde surgiram as primeiras escolas destinadas as meninas e eram separados dos meninos.

Mesmo na modernidade, as escolas eram severas e costumavam castigar fisicamente as crianças que eram nelas inseridas, claro que havia permissão dos familiares para a ocorrência do fato. Compreende-se que a escola e a família sempre tinham o mesmo objetivo, formar cidadãos de bem. Pessoas capazes de crescer e cuidar de seu próprio sustento. Nos dias atuais tais comportamentos deixaram de existir. A mulher deixou de ser educada apenas para as tarefas do lar, e para ter filhos. E a responsabilidade da família e da escola perante a criança aumentou.

Nos dias atuais a família exerce a principal tarefa de educar seus filhos, deixando de ser com no século XVI, onde a criança era de responsabilidade alheia, muitas vezes até doada para outras famílias para que pudesse cuidá-las e prepará-las para a vida adulta. Hoje meninos e meninas tem o mesmo direito de conquistar um espaço na sociedade, exercendo ambos o direito de escolher o caminho que queira seguir.

Só que para isso ocorra é necessário que a criança possua o apoio da família e da escola, para que se tenha um futuro digno. Vários estudos mostraram que as crianças são seres puros e inocentes, que vão construindo seu caráter de acordo com a vivência e os exemplos que elas estão submetidas. Estudaremos a seguir aspectos relacionados, a importância da família participar da educação e da vida escolar de

seus filhos, e os diversos benefícios que trazem para a criança, quando ambas trabalham em equipe.

3 CAPÍTULO II

O Importante Papel da Família na Alfabetização da Criança

Como vimos no capítulo anterior, nem sempre existiram escolas, e as que existiam eram destinadas na sua grande maioria aos meninos de classes mais altas. Compreende-se que séculos atrás, por volta do século XIV, o pudor à criança não existia, as crianças participam integralmente da vida dos adultos em todos os aspectos. As crianças só eram consideradas parte da sociedade a partir dos sete anos, quando o risco de morrer era menor. A educação e criação dessas crianças era função de todos, nem sempre a criança era cuidada pela sua família, e sim por outras famílias.

Contudo a igreja passou a envolver-se na vida familiar, pois através de estudiosos e moralistas, começou-se a pensar sobre a infância e a inocência das crianças. Estipulando assim regras e manuais de boa maneira a serem cumpridas. Com isso a partir do século XVII começaram a surgir pensões e escolas com o intuito de separar as crianças do mundo dos adultos, e assim educá-las, que até então existiam apenas seminários e conventos, mas ainda não tinham Leis que obrigassem a garantia da infância e a preservação da inocência.

O termo escola era usado para definir instituições que abrigavam crianças órfãs. Não existia um local específico para a aplicação das disciplinas, pois as aulas podiam acontecer em qualquer espaço, dentro ou fora das igrejas, nas esquinas, ou em espaços alugados. Essas aulas eram destinadas às pessoas de qualquer idade e condição social, passando por modificação a partir do século XVII, onde apenas as famílias de classes mais altas tinham condições de pagar pela boa educação de seus filhos. Também até o século XVII, não havia idade certa para separar a criança do adolescente e do adulto.

Surge apenas no século XIX uma Lei que dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente, chamada de Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Que já passa a distinguir a idade da criança, do adolescente, separando-os, dos adultos. No Título I, Das Disposições Preliminares, Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. A Lei da criança e do adolescente, é algo recentemente criado, surgindo no século XIX, que garante a criança e ao adolescente, direito à educação, saúde e qualidade de vida sendo dever da família e do estado a

garantia desses direitos, assegurando saúde, e garantindo a criança e ao adolescente vários benefícios, incluindo o direito à escola e ao lazer.

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (ECA, 1990).

Cabe ressaltar, que além das grandes mudanças ocorridas no âmbito social da criança, ainda é muito comum ver crianças com seus direitos isolados, como por exemplo, o trabalho infantil. Pois muitas vezes a criança se ver obrigada a ajudar na renda de sua família, ou muitas vezes é ela quem leva a alimentação para dentro de casa e acaba deixando a escola para segundo plano

Séculos atrás a educação das crianças era de responsabilidade alheia, dos criados ou eram encaminhados a outra família, dificilmente de responsabilidade da própria família. No fim do século XVII e início do século XVIII, esse comportamento começou a ser reprovado pelos estudiosos e moralistas, inclusive pelos líderes religiosos, e a educação das crianças deixaram de ser responsabilidades dos criados e de outros, para ser responsabilidade das instituições de ensino, onde a grande minoria, recebiam esse tipo de ensino, pois eram destinadas apenas aqueles de classes mais elevadas que tinham condições de pagar pela educação de seus filhos.

Mas mesmo assim as instituições de ensino começaram a crescer e a se espalhar em grande quantidade. Nos tempos de hoje, cabe ao estado a obrigação de financiar a educação escolar da criança e do adolescente, mas cabe a família educar suas crianças, ensinando-lhes o respeito mútuo e boas condutas. A relação da sociedade com a escola, vem de muitos anos atrás, e cada ano que se passou, essa relação tornou-se mais estável, com o intuito de melhorar a qualidade da educação das crianças.

Hoje várias pesquisas e estudos nos mostram a importância do trabalho em equipe da família junto com a escola, no processo de aprendizagem, na formação do caráter e da personalidade das crianças. As crianças nunca chegam sem conhecimento na escola, elas trazem uma bagagem de casa, seja ela boa ou ruim, a escola deve estar preparada para atender a diversidade de costumes, etnias, valores

e crenças dentro do ambiente da escola. De acordo com a Lei 9.394, de 1996 (BRASIL, 1996, art.1º, p.35):

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Com o tempo o conceito de família passou por várias transformações. Passando assim, a existir diversos tipos, desde a tradicional, ou seja, o modelo patriarcal, onde o pai é a autoridade maior e responsável pelo sustento da família, a diversos outros modelos, pais separados, a mulher ocupou um espaço no mercado de trabalho e conquistou sua liberdade, existem famílias com casais do mesmo sexo e etc. Cada uma com suas características e especificidades.

Assim as crianças passaram a ser inseridas em um diverso contexto social e são submetidas a diversas situações, que podem acabar influenciando no processo de alfabetização, e a escola precisa estar adaptada para atender essa diversidade familiar, cultural e econômica existente na sociedade.

A escola precisa ter a sensibilidade de investigar quais os reais motivos que estão ocasionando estas ações e se o fato gerador vier da família a escola tem que se disponibilizar a ajudar estabelecendo a parceria família-escola independentemente do tipo de família que este aluno pertence. (STIMIESKI, 2010).

A educação vai muito além da escola, não é apenas inseri-la na instituição de ensino, e esperar que ela seja educada, é muito importante que a família reconheça nela o papel de educar suas crianças e junto com a escola, prepará-las para viver em sociedade e interagir com o meio, respeitando as diferenças e a diversidade cultural existente na sociedade. Na Lei de Diretrizes Bases (LDB) -9.394/96, Título I Art. 1º afirma que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

A educação ocorre no encontro de pessoas que carregam uma cultura e se dá tanto de modo formal na escola, como informal na família, no trabalho, nas igrejas, nos sindicatos, movimentos populares e demais organizações sociais (SZYMANSKI, 2010).

Segundo Neta e Silva (2014):

A família e a escola são responsáveis pela transmissão de normas e valores necessários para a formação do indivíduo. A interação entre família e escola propicia o sucesso escolar dos alunos, as duas instituições devem trabalhar juntas para alcançar um bom desenvolvimento e crescimento do aprendizado da criança. A família não deve participar apenas das atividades escolares de seus filhos, mas da organização, do desenvolvimento dos projetos pedagógicos e da gestão escolar.

A escola juntamente com a família é capaz de desenvolver um papel fundamental na aprendizagem e no progresso das crianças, é importante que desenvolva boa relação e respeito entre elas, para que possa assim contribuir com a formação e atingindo sempre ótimos resultados dos educandos.

Os pais têm um papel importante no processo de desenvolvimento da autonomia. Se eles encorajarem as iniciativas da criança, elogiarem o sucesso, darem tarefas que não excedam as capacidades da criança, forem coerentes em suas exigências e aceitarem os fracassos, estarão contribuindo para o aparecimento do sentimento de autoconfiança e autoestima. (Coria-Sabini, 1998).

Vieira et al (2015) afirma que a influência que a vida familiar exerce sobre as crianças não se restringe apenas a lhe oferecer modelos de comportamento, mas também no desenvolvimento moral da criança. O estilo familiar, os padrões de punição, o sistema de crença, os valores, a forma como estão estruturadas e o modo como as crianças são tratadas são elementos que tem impactos importantes no desenvolvimento das habilidades sociais.

Famílias agressivas e restritivas formam crianças que tendem a manifestar um comportamento de isolamento social, de dependência e habilidade reduzida para solucionar problemas. As famílias super protetoras tendem a formar crianças inibidas, dependentes com baixa autoconfiança, baixa autoestima e tímidas. Já as famílias que incentivam seus filhos nas suas atividades, que compreendem e os encorajam para progredir tendem a formar crianças mais fortes e confiantes para superarem suas dificuldades.

Na maioria das vezes, os pais são espelhos que refletem na vida de seus filhos. As crianças os buscam como exemplo. Se ela estiver o hábito de presenciar bons comportamentos, certamente irá atribuir para si a mesma conduta. Se os filhos verem seus pais praticando o hábito da leitura, provavelmente influenciará nitidamente na formação da leitura e da escrita dessa criança. Cabe aos pais o papel de motivá-las, para que elas possam assim, estar em constante evolução.

Polonia e Dessen (2005) afirmam que a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui -se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões,

atividades de lazer). Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa.

A família tem enorme influência na vida da criança, tanto em seu aprendizado escolar, quanto na formação de seu caráter. É importante que a criança dispunha permanentemente de seu apoio. Casarin (2007) afirma que a família é um sistema no qual os indivíduos desenvolvem a interação e a percepção de si mesmos e dos outros de forma complexa. É no sistema familiar que são expressas as inquietações, as conquistas, os medos e as metas pessoais. Para tanto, é necessário preservar a individualidade dos seus membros e ao mesmo tempo preservar o sentimento coletivo. Isso representa uma forma de apoio mútuo em família.

É importante que os pais se envolvam ativamente na vida escolar de seus filhos, se fazendo presente e participativo, ajudando-lhes nos exercícios para casa, participando das atividades extraclasse, festas e reuniões realizadas na instituição de ensino, para que possa fortalecer o vínculo da família com a escola e da escola com o aluno, resultando no bom desenvolvimento e contribuindo com êxito na alfabetização e progresso psíquico e social da criança.

O período da alfabetização da criança, é a fase mais importante para o trabalho em equipe entre a família, escola e aluno, principalmente na socialização e na formação do caráter, pois a partir dessa fase as crianças começam a conviver com outras crianças, conhecendo vários tipos de famílias e até mesmo culturas diferentes da sua.

A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se está a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência como o diferente e não de sua negação, não se tem outro caminho se não viver a opção que se escolheu. Encarna-la, diminuindo, assim, a distância entre o que se diz e o que se faz. (FREIRE 1999).

Existem muitas famílias que não tem tempo para participar plenamente da vida de seus filhos, pois acabam tendo que trabalhar para o sustento da família e isso faz com que fiquem mais distantes do cotidiano e da rotina escolar de seus filhos e acabam não dando a atenção necessária para a criança, na maioria das vezes não sabem o que se passa na vida da criança, e infelizmente existem casos de família

(pais ou responsável) que não participa da vida escolar e nunca foram a escola saber do rendimento escolar do aluno.

Infelizmente é cada vez comum, encontrarmos esse cenário nos dias atuais. Muitas vezes a criança não encontra apoio dos pais ou responsável. A família acaba deixando para a escola o papel de educar, além de alfabetizar. Nem todas as crianças vivem em uma família tradicional, composta por um pai e uma mãe e possui o suporte de ambos. Muitas vivem com algum parente ou outros.

O fracasso escolar da criança, ocorre por várias razões, mas, o mais comum e principal, é a falta de apoio familiar, onde os pais acabam perdendo o controle de seus filhos, e eles acabam crescendo desorientados e rebeldes. Muitas crianças encontram-se em situações de risco e isso faz com que ela se torne pessoas isoladas ou até mesmo agressivas, dificultando a interação social dela com o meio, e sendo prejudicada no aprendizado. A própria instituição de ensino pode ocasionar o fracasso do aluno, quando não possui estrutura adequada para recebê-los, salas quentes, superlotadas, falta de materiais, professores que não possuem qualificação necessária para trabalhar com as séries iniciais, principalmente na alfabetização, onde o cuidado e a atenção deve ser redobrada e a criança necessita de atenção.

A indisciplina e o desinteresse dos alunos são problemas que interferem no processo do ensino-aprendizagem. É papel do professor estabelecer um clima de confiança, empatia e respeito entre professor-aluno para desenvolver a leitura, a reflexão e a escrita, tornando, assim, as aulas mais prazerosas e interessantes para os educandos, tornando-os mais ativos e participativos, apropriando-se assim, dos conhecimentos. (Neta e Silva 2014).

Cabe ressaltar que o professor, possui uma responsabilidade muito grande para o desenvolvimento da leitura e da escrita da criança, pois, ele é o principal mediador do conhecimento, cabe a ele a tarefa de alfabetizá-los e a preocupação de trabalhar de forma diferenciada com cada aluno, pois cada um possui sua forma e seu tempo para aprender, nem todos contêm as mesmas experiências intelectuais. É muito importante que o professor mantenha os pais sempre informado do rendimento da criança, e que os pais tenham interesse de participar da vida escolar de seus filhos.

Alfabetizar uma criança não é uma simples tarefa, exige doação e tempo do professor, além de tempo, exige apoio do governo, da escola, da comunidade e principalmente dos pais, muitas vezes, até mesmo de um profissional da saúde. É necessário que todos trabalhem juntos, em prol das crianças, para que assim, elas compreendam que tem o apoio da equipe escolar e se sintam confiantes e capazes

de aprender. Além de não ser uma tarefa fácil, o professor precisa estar qualificado e gostar do que faz, para que a rotina não se torne cansativa e estressante. O professor precisa planejar e usar recursos que auxiliem em suas práxis, e contribua com o entendimento do aluno.

CORSINO (2010) ainda afirma que o professor torna-se alguém que também busca informações sobre o tema eleito, incentiva a curiosidade e a criatividade do grupo e, sobretudo, entende as crianças como sujeitos que têm uma história e que participam ativamente do mundo construindo e reconstruindo a cultura na qual estão imersos.

Pensar na organização da escola em função de crianças das séries/anos iniciais do ensino fundamental, com ênfase nas crianças de seis anos, envolve concebê-las no sentido da inserção no mundo letrado. Esse mundo é construído com base nos valores da escrita nas práticas e relações sociais, embora nem sempre esteja presente materialmente. O primeiro conhecimento necessário para que se escreva é saber que se utilizam letras para escrever. Nem todas as crianças sabem disso quando chegam à escola. Depois, saber que essas letras se organizam com base em convenções, de acordo com um sistema de escrita de base alfabética. Aprendem que se escreve da esquerda para a direita e de cima para baixo. Aos poucos, as crianças vão observando os diferentes padrões de sílaba e outras marcas diferentes de letras que aparecem nos textos (sinais de pontuação, acentuação). Tudo isso precisa ser trabalhado de várias maneiras pela professora com as crianças para que cada vez mais seus conhecimentos sobre a língua escrita vão crescendo. (Goutart 2010).

A família e a escola têm, como função trabalharem juntas em prol do desenvolvimento das crianças, com a finalidade de complementação, é importante que haja participação de ambas as partes e que todos se envolvam. Cabe a escola a tarefa de aproximar e envolver os pais no desempenho escolar de seus filhos, principalmente no processo de alfabetização, que é onde a criança aprende a ler e a escrever. Sem o auxílio, o apoio e o estímulo da família, esse processo se torna lento e dificultoso.

A escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem. O importante é a presença deles, e quando os pais participam, os filhos se sentem valorizados. Os pais precisam entender que eles devem dar o exemplo. Sua falta sendo entendida na mesma medida de importância que dá ao estudo do filho. Muitas vezes os pais reclamam que seus filhos não assumem os compromissos e nem percebem que eles fazem o mesmo e que seus filhos só estão repetindo o que presenciam. (TIBA 1998 apud DANELUZ 2008).

Polonia e Dessen (2005) afirmam que, os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou

permanentes, dependendo de sua disponibilidade. No entanto, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos.

CARVALHO (2004) afirma que a educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar/família, lugar da reprodução física e psíquica cotidiana – cuidado do corpo, higiene, alimentação, descanso, afeto – que constituem as condições básicas de toda a vida social e produtiva. Como processo de socialização, a educação tem duas dimensões: social – transmissão de uma herança cultural às novas gerações, através do trabalho de várias instituições; e individual – formação de disposições e visões, aquisição de conhecimentos, habilidades e valores.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa. (Dessen e Polonia 2007).

A criança reproduzirá na escola ou em qualquer o que lhe foi ensinado em casa. Por isso é importante que a família esteja envolvida na educação de seu filho, e não permitam que outros influencie na formação do caráter da criança. Nesse mundo em que estamos inseridos, de muita informação, com a tecnologia, com a internet, existem influencias de todas as partes. Os pais têm que se envolver, conhecer seu filho, saber onde ele anda, o tipo de amizade que a criança possui e etc. está ciente de todos os passos de seus filhos.

É através de suas ações, do diálogo e do exemplo, que a família transmite determinados valores, que impõe limites, que demonstram afeto, que mantem o respeito, que estipula regras e as faz compreender. Se a família torna-se distante, a criança perde seu referencial, não sabe o que fazer e como fazer.

A ausência da figura materna ou paterna, traz consequências na aprendizagem, pois os pais são personagens significativos na vida das crianças. A criança precisa se sentir segura, para despertar sua curiosidade. Porque sem segurança a curiosidade pelo novo pode assustar. Assim como precisam entender que errar faz parte da aprendizagem e que se faz necessário passar por essa experiência, bem como o progredir. Não quer dizer que haverá inversão de papéis, porque precisamos desenvolver diferentes habilidades, comportamentos e passar por diferentes fases para sermos adultos. (SILVA 2010).

Entende-se, que se a família trabalhar em parceria com a escola, e ambas cumprirem suas obrigações, os resultados obtidos no processo de leitura e escrita da criança de fato serão positivos e o avanço acontecerá de forma mais rápida e menos dificultoso para o professor e para a criança. Sabemos que o processo de leitura e escrita é algo complexo e leva tempo para que ocorra, em uma criança pode acontecer de forma mais tardia que outras, pois cada um possui seu tempo.

Com tudo, foi possível observar a importância do acompanhamento, do apoio e da influência familiar no processo de aprendizado da criança. É necessário que a escola busque sempre incentivar, chamar as famílias, e mostrar a ela, dados significativos, sobre a influência que ela tem sobre a criança e o rendimento da criança quando possui o apoio e o incentivo de seus familiares.

A escola tem que está sempre em constante transformação, pois a cada dia que passa, novas regras, novos acontecimentos, novas gerações estão surgindo. Não dá para ensinar as crianças do século XXI igual, ensinavam-se no século XX. A mentalidade das crianças está cada vez mais aberta para o conhecimento e para as mudanças. Existem vários estudos que mostram o comportamento infantil, que explicam situações que até o século XVIII eram desconhecidos. Novos tempos e novos desafios vão surgindo, cabe ao professor o papel de atualizar e não deixar que os desafios, atrapalhem o aprendizado da criança.

O capítulo a seguir, irá abordar as observações vivências em sala de aula, e através de entrevistas realizadas com alguns profissionais da educação de algumas escolas de Marabá irá mostrar se de fato o apoio da família contribui ou não no processo de alfabetização da criança. E qual a importância do acompanhamento familiar no processo de aprendizagem do aluno.

4 CAPÍTULO III

Estudo de caso

Com base em teorias pode-se compreender que vários fatores contribuem para o fracasso na alfabetização das crianças. Entende-se também que a falta de apoio familiar é um dos que mais favorece para que isso ocorra, pois, a família é a base, é responsável pela sustentação, pelo equilíbrio e pela educação da criança e a escola é responsável pela escolarização, ou seja, pela formação escolar formal das crianças. Juntas conseguem alcançar resultados positivos no processo da formação e do caráter da criança, tornando-as pessoas seguras e capazes de se inserir na sociedade.

Por um período de dois anos, atuei como estagiária nas séries iniciais do ensino fundamental, em diversas Escola Públicas de Marabá, desde em bairros mais nobres à bairros considerados periféricos. Durante esse percurso pude observar vários fatores que contribuem para o fracasso escolar das crianças, em especial na alfabetização, ou seja, primeiro ano, onde pude passar a maioria do tempo. Pude também ampliar meus conhecimentos, que até então eram restritos, pois, até então não fazia ideia do que se passava em sala de aula, dos obstáculos que os professores enfrentam todos os dias para conseguir alfabetizar essas crianças.

Quando estamos vivenciando o dia a dia do professor e dos alunos em sala de aula, podemos ver de frente o grande papel do professor, os desafios que eles têm que enfrentar. Pude perceber que de acordo com a sociedade em que a criança está inserida, influencia diretamente no seu processo de aprendizagem e que o apoio familiar, de fato é essencial para que essas crianças sejam alfabetizadas.

Realizei entrevistas com alguns professores, diretores, coordenadores e pais de alunos, tanto de escolas públicas, quanto de escolas particulares, para poder entender melhor a importância de ambos no processo de aprendizagem dos alunos, e se o envolvimento dos pais na vida escolar de seus filhos de fato contribui ou não diretamente na alfabetização das crianças, e o que pode ser feito para que o ensino-aprendizado ocorra com êxito.

Nesse período de dois anos que passei em sala de aula, mais as entrevistas realizadas, nota-se que a tarefa de alfabetizar vai muito além das salas de aula. O processo de ensino aprendido é muito complexa, pois envolve todos que fazem

parte do contexto social da criança, o espaço em que ela está inserida e as situações em que elas estão submetidas, tudo pode influenciar no bom ou mal desenvolvimento dessas crianças.

A família desenvolve um papel importantíssimo no processo de aprendizado das crianças. Pode perceber que ela influencia diretamente e na maioria das vezes, são fonte de inspiração para essas crianças, o apoio da família, a motivação, o cuidado e, principalmente o exemplo que a criança recebe em casa, são fatores que contribuem no avanço escolar. É importante que a família busque sempre estar acompanhando suas crianças em casa e na escola.

De acordo com os estágios realizados, pude perceber que ha uma mudança de perfis dos alunos de acordo com o espaço em que eles estão situados. Não era tão grande, mas percebe-se que em bairros periféricos, vários fatores contribuía, para dificultar o aprendizado das crianças, havia muito casos de crianças que eram abusadas sexualmente, e essas crianças eram mais reservadas, não se socializavam, não interagiam com as demais.

Havia muitos casos de crianças que seus pais eram donos de bares ou que moravam perto de um, e me relatavam que não dormiram direito, pois o som tocava muito alto até altas horas da noite, muitas vezes amanheciam o dia, e atrapalhava o sono dessas crianças. Então como essas crianças teriam um bom desenvolvimento na escola se não teve o descanso necessário, e acabavam dormindo em sala de aula? Com certeza isso atrapalhava o bom desempenho dessas crianças em sala de aula, e a dificuldade de aprender a ler e a escrever seria maior.

Havia situações em que os pais eram traficantes de drogas, pistoleiros, que muitas vezes estavam presos, e não tinham como ajudar e acompanhar as crianças em casa, as mães tinham que trabalhar fora, para dar o sustento dos filhos, pais que chegavam bêbado em casa e maltratavam suas esposas e filhos, a própria criança fazia seu horário, em algumas situações os pais não sabiam por onde andavam seus filhos, eles diziam que iam para a escola e não iam.

Muitas vezes a própria criança tinha que trabalhar para levar alimento para sua casa. Iam para a escola, mas não conseguia se concentrar na aula, pois estavam com fome, e as vezes a única refeição do dia era feito na escola. Ou seja, são diversos

fatores, acontecimentos que causam o fracasso escolar, prejudicando o aprendizado dessas crianças, são situações que abalam o psicológico da criança.

Em uma das entrevistas, uma das professoras que trabalhou em um bairro periférico, relatou situações que ela presenciava no dia a dia em sala de aula, são situações que também cheguei a presenciar, pelo fato de serem crianças carentes, que mal tinham o próprio material de escola, filhos de pessoas muito humildes. Ela enfrentava diversos obstáculos para poder alfabetizar essas crianças. Procurava envolver às famílias dos alunos na escola através de projetos, onde segundo ela, havia participação maior dos alunos e da comunidade.

São situações que existem na maioria das escolas públicas de Marabá, mas, o maior número de casos, se encontram em bairros periféricos, onde o número de casos de violência é maior. Essas crianças chegam na escola agressivas, não respeitam os professores em sala de aula, então, esses tipos de comportamento dos alunos, dificulta no processo de leitura e escrita e muitas vezes passa pelo processo de alfabetização, sem estarem de fato alfabetizados, muitas vezes consegue conhecer uma letra ou outra e desenhar seu próprio nome.

É importante que os pais participem ativamente da vida escolar de seus filhos e assumirem as suas responsabilidades, a criança precisa enxergar esse interesse, a preocupação de seus pais com o seu progresso, os pais precisam demonstrar que a escola é importante e contribuirá no seu futuro, é dever da família ensinar as suas crianças a respeitarem o próximo, os mais velhos, os colegas, os professores, é papel da família impor limites e determinar regras, para quando chegar na escola, respeitar todos os colaboradores, as outras crianças e até mesmo, as diversidades existentes no âmbito escolar.

Presenciei muitos casos de crianças que moram apenas com a mãe, em sua maioria, a mãe não chegava a pegar o caderno da criança para saber como andava o desempenho de seu filho, muito menos para ajudar nas atividades de casa, não tinha curiosidade em questionar a professora para saber do comportamento e o desenvolvimento da criança, muitas vezes o interesse de informar os pais partia do professor.

Sabemos que cada criança possui seu tempo de aprendizagem, mas se a criança possuir o apoio da família em casa, não importa quem faça parte de seu grupo familiar, a criança aprenderá a ler e a escrever muito mais rápido. É notável em sala de aula que aqueles alunos que possuem a participação do pai, da mãe, ou responsável, avançam bem mais rápido que aqueles que não possuem esse auxílio.

É possível notar que em algumas situações, os pais deixavam a responsabilidade, que era para ser deles, para a escola, como vimos no capítulo anterior, o estudo deixa bem claro, que o papel da escola é o da formação curricular do indivíduo para o mercado de trabalho, e o da família é educar, impor limites e ensinar o respeito, a falta de autoridade dos pais, e a indisciplina do aluno atrapalha em sua alfabetização, assim como atrapalha o desenvolvimento dos outros alunos.

Exemplo disso, presenciei uma turma de primeiro ano, no meu último estágio, uma aluna aonde os pais não tinham controle sobre a filha, ela tinha apenas seis anos, mas, batia em seus colegas, não fazia as atividades do quadro, queria passar o tempo andando pela escola, e quando acabava a aula, a professora se encontrava extremamente estressada e a aula terminava não sendo tão produtiva. Havia na escola também um aluno do terceiro ano que bagunçava a sala inteira e ainda rasgava os materiais de seus colegas, conversando com a professora, ela me relatou que o aluno não sabia ler, nem escrever, apenas desenhava seu nome do quadro e conhecia algumas letras e os números.

Conversando com a criança percebi que ela não havia a presença dos pais em sua vida, era criada por sua avó, e ela não tinha controle sobre ele, pois já era bem de idade. Ele já era responsável pelo próprio sustento e trabalhava em um lava-jato, ou seja, ele já era responsável por si mesmo, e teve que amadurecer muito cedo, além da responsabilidade que ele assumiu muito jovem ainda, ele era apenas uma criança que gostava de ir para a escola não para estudar, e sim brincar com os outros colegas, ele gostava tanto que não faltava aula.

Além do que foi observado. Em uma das entrevistas com uma diretora, ela relatou as dificuldades enfrentadas pela escola e, principalmente pelos professores que estão dia a dia em sala de aula. Ela aborda da seguinte forma: “O desafio maior é que a comunidade entenda que a escola é lugar de pais também, que a escola não é mãe dos filhos deles, a escola é parceira para ajudar no futuro deles, na formação.

Até crianças eles esquecem aqui, ontem eu fiquei aqui até sete e meia, porque eles esqueceram. Eles tinham que entender que tem hora para tudo” (Diretora A). Pude perceber que não era apenas aquela escola que tinha essa dificuldade, mas todas as outras pelas quais passei.

De fato, na maioria das entrevistas com professores, através de relatos, percebe-se que eles enfrentam a mesma dificuldade, pois tem pais que nunca sequer, olharam no rosto do professor de seu filho. Há situações em que os pais trabalham para garantir o sustento da família, e acabam sem tempo para participar da vida escolar de seus filhos, não participar de reuniões e eventos realizados pela escola.

Uma das questões citadas por alguns professores, foi a questão da falta de estrutura da escola (espaço físico), salas quentes, ventiladores quebrados, carteiras em péssimas condições e até mesmo falta delas, falta de material de apoio, falta de recursos pedagógicos, após o fechamento de algumas escolas, outras escolas ficaram superlotadas, mais do já eram.

Acompanhei uma turma de segundo ano por quatro meses, no período da tarde, a sala de aula era totalmente inadequada para ensinar, pois, era pequena e a turma era superlotada, de quatro, havia apenas um ventilador funcionando, era quase impossível ficar dentro da sala, as crianças ficavam muito agitadas, a concentração era menor, e o rendimento da turma, era pouco. Nessa escola o professor tinha direito de xerocar uma atividade por dia, e uma vez na semana, mandavam tarefa para casa, tanto por falta de toner para a impressora, quanto por falta de folha para xerocar essas atividades.

Um dos grandes problemas enfrentados pelas as escolas municipais de Marabá, é a falta de apoio do governo municipal, pois os recursos, a verba enviada para as escolas, são muito pouco, e em algumas escolas, os professores se juntam e tiram do seu próprio bolso dinheiro para esses materiais. As escolas comunicavam os pais a real dificuldade que eles estavam enfrentando, e pediam o apoio dos pais, alguns pais se solidarizavam e mandavam uma resma de papel A4, não eram todos, infelizmente a minoria dos pais não contribuía, alguns porque não tinham condições, o que é uma pena, pois, os mais prejudicados, são seus próprios filhos.

Entrevistando professores, diretores e coordenadores de escolas, percebe-se que o envolvimento dos pais na escola contribui bastante na alfabetização da criança, sua aprendizagem acontece de forma mais rápida que os demais, mas infelizmente a minoria dos pais se envolve na escolarização de seus filhos. No período de estágio, foi possível notar essa lacuna existente na escolarização. Muitas vezes os pais não se davam o trabalho de deixar e buscar seus filhos na escola, e questionar o desenvolvimento da criança, pois, na maioria dos casos, o irmão mais velho, o vizinho, um parente e etc.

Nas escolas particulares a realidade é outra, mas ainda sim existem casos isolados de pais que deixa a obrigação de ensinar, apenas para a escola. A maioria dos pais se preocupam em saber do andamento escolar de seus filhos. A cobrança ao professor é maior, mas mesmo assim ambos devem andar juntos em prol da criança. Os pais têm que tirar um tempo para ajudar a criança na tarefa de casa, para participar da apresentação de seu filho na escola, dos eventos organizados pela escola.

Uma das coordenadoras pedagógicas citou essa questão, do compromisso dos pais com a criança, não é apenas colocar a criança no mundo e depois jogá-la na escola, a família tem que fazer sua parte e assumir suas responsabilidades e tirar um tempo para conversar e acompanhar o desenvolvimento da criança.

“Eu até brinco com os pais e digo assim – gente criar filho não é que nem criar macaco não, que você joga na selva e o bicho se cria. Você tem que estar presente, você tem que estar ali. Aí a mãe vira assim pra mim e diz – há mais eu trabalho, aí eu disse – sim mãezinha eu também trabalho, eu também passo o dia todim aqui cuidando da vida do teu filho, só que quando eu chego em casa, eu tenho duas, e nem por isso eu vou me omitir da educação delas. Cinco minutinhos que você senta com teu filho, por mais que você não saiba, o que que ele ta fazendo ali, mas você sentou do lado dele, e pergunta – meu filho o que você está fazendo aí? Ele já internaliza que você está preocupada com aquilo ali, e que ele precisa ter compromisso porque você está ali olhando, tá cobrando”. (COORDENADORA PEDAGÓGICA C)”

É muito relevante que a criança se sinta valorizada, não importa a escola em que ela esteja inserida, e importante que a criança tenha atenção e o respeito necessário da escola e principalmente da família. Os pais devem evitar brigar na frente de seus filhos, não devem tratar a criança como um problema, pois elas são seres inocentes que não tem culpa de estar inserida no mundo, são criaturas frágeis que precisam de apoio. Claro que não precisam ser isentas de todos os problemas

familiares, é importante que a criança conheça a real situação da família, pois são fatores que contribuirão com o seu amadurecimento.

Foi fácil notar que a gestão pública municipal, tem uma parcela de culpa no fracasso da educação, percebe-se que vários professores se sentem desestimulados, não há investimento necessário na educação por parte dos órgãos públicos, pois a desvalorização do professor ainda é muito grande. É necessário que a gestão pública valorize a educação, as escolas e principalmente os profissionais que estão dia a dia na escola, administrando, coordenando, que estão em sala de aula cuidando do futuro dessas crianças.

É importante que haja acompanhamento e suporte por parte da gestão municipal e por parte da escola, que estão ligados diretamente no aprendizado da criança, para as famílias que passam por problemas sociais e econômicos. Todo e qualquer problema enfrentado pela família, afeta diretamente no comportamento e no aprendizado da criança dentro da instituição de ensino. Deveria haver mais profissionais, trabalhando em parceria com a escola, no mínimo, psicólogos e assistentes sociais, pois os que são disponibilizados pela rede pública, não é suficiente para suprir as necessidades existentes em nosso Município.

A falta desses profissionais, foi um dos problemas existentes, citados por alguns coordenadores entrevistados, pois a demanda de alunos é muito grande para dar suporte a todos que precisam de um acompanhamento especializado, para os alunos, pais e até mesmo os profissionais que atuam dentro da escola, que acabam assumindo responsabilidades que não são suas, e acabam na maioria das vezes adoecendo.

Assumir o compromisso de ensinar em especial, alfabetizar, vem se tornando uma tarefa cada vez mais complexa. Percebi que é muito comum os alunos passarem das séries iniciais, para séries mais avançadas sem estarem alfabetizadas, percebe-se que o fracasso escolar está cada vez mais nítido, as crianças mais escolarizadas e menos alfabetizadas. O que me leva a questionar. De que é a culpa? Por que nos dias de hoje com tanta informação, formação e qualificação, as crianças estão sendo cada vez menos alfabetizadas, passando de um nível a outro sem saber ler e escrever corretamente?

Na conversa com uma das coordenadoras, ela destacou que o desafio hoje em dia é muito grande, os alunos estão em um século e a escola em outro, e não está sendo fácil acompanhar essa geração. “O trabalho da coordenação pedagógica relacionada a aprendizagem dos alunos é um trabalho desafiador. É desafiador por quê? Porque os alunos que temos hoje na escola, não são mais aqueles alunos iguais os de antigamente, hoje os alunos estão inseridos em uma sociedade que há uma evolução muito grande, então eu percebo que há uma distância hoje muito grande entre a escola e os alunos no sentido de quê? Os alunos estão no século XXI e a escola está um pouco atrasada, na sua forma de ensinar, então ele é desafiador porque nós precisamos descobrir a todo instante uma nova metodologia para poder “conquistar” esse aluno a aprender [...]”. (COORDENADORA PEDAGÓGICA A).

É um outro fator que nos leva a pensar a respeito do aprendizado dos alunos. A tecnologia está aí, e não podemos excluir da vida dessas crianças. Temos que usá-la a nosso favor. Até porque muitas crianças têm contato com a internet em casa, e algumas escolas possuem laboratório de informática, é importante que a criança seja instruída a manusear essas ferramentas de forma correta tanto na escola, como em casa. A escola e a família têm que trabalhar juntas para que o aprendizado do aluno ocorra com êxito.

A relação da família na missão de educar, junto com a escola no processo de alfabetizar é muito importante, pois, a criança passa a maior parte do seu tempo com a família, a segunda maior parte com a escola, então ambos têm que abraçar suas responsabilidades e fazer sua parte, e não jogar a responsabilidade apenas para a escola, para que a criança aprenda de forma saudável e tenha uma boa relação com o meio em que ela está inserida.

Precisa haver uma parceria maior entre a escola e a família, é necessário que as duas trabalhem juntas. É importante que a mãe, o pai, ou o responsável acompanhe a criança em casa, trabalhe de forma responsável, ajude nas atividades de casa, trabalhe de forma diferenciada em cima da dificuldade da criança, dê apoio, suporte, ensine-as a caminhar aos poucos, os motive a pesquisar, a serem curiosos para o conhecimento. É necessário que o professor cumpra seu papel, afinal ele é o principal mediador entre o aluno e o conhecimento.

É necessário que a família conheça o professor, que passa quatro horas ou mais de segunda a sexta em sala de aula, ensinando seu filho, e em algumas situações, até educando, é importante que a família busque ter conhecimento do que está sendo ensinado para sua criança e atender suas necessidades, ajudar o professor a trabalhar as dificuldades da criança, pois o professor sozinho em sala de aula, infelizmente não consegue, ainda mais em sala superlotada, atendendo crianças com necessidades especiais, sem ninguém para dar suporte, como está sendo a realidade hoje nas escolas públicas de Marabá.

Em uma das falas da coordenadora pedagógica relacionada a realidade atual da escola em que ela atua, ela diz que “A escola está tendo 31 crianças especiais atualmente e só duas estagiárias, aí vai pedir e eles diz, não, não tem como. Gente! Não tem como é uma professora está dentro da sala de aula, por exemplo: estamos com um quarto ano, que a professora está com três alunos com deficiência, e dois é de locomoção, de andar bem devagarinho, e a turma lotada”. (COORDENADORA PEDAGÓGICA C)

Por mais que o professor tenha compromisso e força de vontade, é impossível ensinar as crianças em uma sala de aula com essa realidade, pois o professor acaba tendo que se desdobrar com os desafios, e infelizmente não dar para atender as necessidades dos alunos, pois são várias crianças, com vários níveis de conhecimento e cuidar das crianças com necessidades especiais, pois depende muito do auxílio do professor.

Vários entrevistados citaram questão relacionada a falta de investimento na educação, por parte dos governantes. De fato, deveria haver mais investimentos em todos os níveis educacionais, por partes dos gestores, mas, infelizmente o pouco que tinha, foi retirado. A educação deveria ser mais valorizada, em todos os aspectos, fiquei abismada com o comentário que o gestor municipal atual da cidade Marabá disse que “o concurso a gente fez para dar aula”. Sabemos que de fato o concurso é para dar aula, mas antes do professor entrar em sala de aula, tem que ter acontecido todo um planejamento em cima daquilo que vai ser ensinado.

É possível observar a desmotivação dos profissionais da educação na escola, mas, não podemos deixar que as crianças sejam prejudicadas, é importante que mesmo diante das mazelas existentes, da desvalorização, da falta de espaço, e tantos

outros problemas existentes, o professor continue fazendo seu trabalho e alfabetizando as crianças, pois elas não têm culpa das lacunas existentes. É necessário que a família trabalhe em parceria junto com a escola.

Sabemos que hoje todos temos que se inserir no mercado de trabalho para o sustento da família, a maioria dos pais e das mães, trabalham fora para dar uma vida mais confortável para seus filhos, ou ao menos o alimento. É importante para o filho ter a presença de seus familiares no processo de aprendizagem. É importante que a família assuma seu compromisso e suas responsabilidades. A criança precisa ser valorizada e entender seu papel perante a sociedade.

Em algumas conversas com a família, percebe-se, que muitas vezes a escola deixa a desejar. Percebe-se que deveria haver mais projetos na escola que envolvessem os pais. Deixar de convidar os pais apenas para falar mal de seus filhos, e mostrar como anda o desenvolvimento da criança, o próprio professor deveria instruir mais os pais no acompanhamento escolar de seus alunos, assim como os pais deveriam se preocupar, e sempre procurar saber do rendimento escolar do seu filho. “Um dos grandes empecilhos de levar os pais para a escola hoje, é que só os chamamos quando há algo de errado, só os chamamos para reclamar, só os chamamos para apontar defeitos. Qual pai quer ouvir isso do seu filho? É preciso que a escola mude o motivo de envolver os pais com a comunidade escolar. Os pais de nossos alunos vão voltar a escola quando mudar o motivo de convidá-los”. (PROFESSORA E).

Às vezes eu fico me questionado sobre a qualidade da educação. Cada ano que passa, surge mais estudos de qualificação, formação para professores, especializações, e a qualidade do ensino, vem a cada dia de mal a pior. Sabemos que vários são os motivos que contribuem para esse descaso. Um dos motivos que contribui para o fracasso escolar da criança é a falta de comprometimento do professor. Claro que o professor sozinho em algumas situações não faz milagres. Não devemos esperar que o governo faça sua parte, porque sabemos que essa lacuna existe a muitos anos.

“Hoje estudam-se tantas técnicas, promovem-se eventos, convocam-se professores para curso de aperfeiçoamento, proferem-se palestras com mestres e doutores, expandem-se faculdades, concursos e mais cursos, até a longa distância.

E tudo isso para quê? Diz-se que é para termos profissionais mais bem capacitados, com melhor formação, mais aperfeiçoados, só que esses mesmo profissionais ao voltarem para suas unidades escolares, continuam atuando da mesma forma de outrora. E o alvo principal de tudo isso, nossos alunos, não percebem mudanças. por quê? Porque falta o principal, falta o essencial, falta o comprometimento com o aprendizado, comprometimento com nosso aluno. Enquanto não houver comprometimento por parte dos nossos profissionais da educação, não haverá avanços significativos”. (PROFESSORA E)

Sabemos que as influencias vivenciadas dentro da família, implica no aprendizado da criança. A criança leva de casa para a escola, a educação e os princípios aprendidos em casa, aquela criança em que os pais não têm autoridade e controle, provavelmente será um desafio para o professor conseguir alfabetizar essa criança. Além do professor se preocupar com o conteúdo e com o aprendizado da criança, muitas vezes ainda assume a responsabilidade que deveria ser da família, então o professor acaba se sobrecarregando e adoecendo. “Infelizmente a educação tem carregado um fardo, de ensinar o que é matemática, história, geografia e de dar os valores que os meninos precisavam aprender em casa. A escola hoje carrega um fardo pesado”. (COORDENADORA PEDAGÓGICA C).

Por tanto percebe-se que são várias as lacunas existentes na educação, que alfabetizar vai além da sala de aula e que vários são os fatores que contribuem para o fracasso escolar da criança. É importante que todos se envolvam nesse processo, que cada uma assume seu compromisso e faça sua parte. Para que haja alfabetização com qualidade, é necessário que o governo faça sua parte, invista na educação, que ela não é qualquer coisa, para ser tratado, com tanta desvalorização.

É necessário que o corpo docente, os colaboradores da escola, não desistam de seus alunos. Pois são apenas crianças, são os que menos tem culpa da realidade em que estão inseridas. É importante que eles sejam comprometidos e façam valer seus esforços, na luta diária em sala de aula, que sabemos que não é fácil. Porque alfabetizar não é uma tarefa fácil, como uma das entrevistadas havia falado, que há menino no quinto ano que os professores se esforçam para alfabetiza-los. É um desafio estar na sala de aula nos dias de hoje.

Os pais devem ser os primeiros a darem o exemplo, a formar a personalidade de seu filho, para que a criança não seja influenciada por outros. Eles têm que dar o exemplo a seus filhos, pois a maioria das crianças, como já havia falado, se espelham em seus pais. Cabe aos pais a missão de dar valores aos seus filhos, de dar o suporte para a criança, de motivá-las. A base familiar é tudo no desenvolvimento e na formação da criança.

Como é o caso de uma daquelas crianças que a mãe é dependente química a muitos anos, mas, isso não impede que ela assuma suas responsabilidades, por mais que a criança não tenha uma casa boa para morar, muitas vezes não tem o que comer, mas, a família em parceria com a escola introjetou na cabeça das crianças que o estudo é importante, com todos os defeitos que a mãe possui, ela ainda sim cuida de seus filhos, e acompanha o aprendizado, e segundo a diretora da escola, ele é um dos melhores alunos da escola, são educados e inteligentes, e pensam no estudo como a saída daquela vida que ele leva, como um futuro melhor para ele e para sua família. Sendo seu sonho tirar sua mãe da realidade em que ela está inserida, tirá-la do mundo das drogas.

Contudo, percebe-se que a família em parceria com a escola, contribui de forma significativa na alfabetização da criança. Quando a família cobra, acompanha o desenvolvimento da criança, ela se sente na obrigação de estudar de obter resultados positivos. Porque ela sente que o estudo é importante, que ele vai garantir seu futuro. Quando a família assume o papel de educar suas crianças, a missão do professor se torna mais fácil.

Eu não falo de bater espancar, esse tipo de atitude, mas de ensinar o respeito, valores, o que é certo e o que é errado, para que essa criança não seja influenciada por outros e seja levada para a criminalidade. O futuro da criança depende do que lhe é ensinado, quando se tem uma criança, além do sustento, é necessário que ela seja instruída, que tenha regras, limites e saibam respeitar as diferenças.

Contudo ficou claro que quando a escola e a família juntas, exercem seus compromissos e suas responsabilidades sobre a criança, o processo de leitura e escrita se desenvolve de forma mais rápida que aquelas que não usufruí do mesmo benefício. Pois os professores não perderiam tanto tempo educando e alfabetizando.

Através das entrevistas e experiência em sala de aula, notei que é importante para a criança receber o apoio da família.

Infelizmente, está cada vez mais difícil, uma criança ser alfabetizada dentro do prazo estabelecido. Quando estava atuando como estagiária em uma sala do terceiro ano, pude perceber que havia um grande número de alunos com grande dificuldade de leitura, uns porque não tinha o acompanhamento da família em casa, a criança praticava a leitura e a escrita apenas na escola. Tinha alunos que nunca tinham ido a escola, pois estava na roça, e nunca tinham frequentado a escola.

São vários os motivos que levavam ao fracasso escolar das crianças, dentro da sala de aula existiam alunos alfabetizados e crianças que não conheciam nem o alfabeto, então há uma dificuldade e um desafio para o professor, pois por mais que eles trabalhem de forma diferenciada, não consegue suprir as necessidades da criança, pois eram muitos alunos para uma professora, e muitas vezes essa professora tirava o material didático do próprio bolso, pois a escola não obtinha recursos necessários para suprir as necessidades de todos.

Como foi citado por uma das coordenadoras entrevistadas. Muitas mães jogam o filho na escola e esquecem de cumprir seu papel, tendo interesse apenas no benefício que recebem do governo federal, o bolsa família. Se isentando de sua real responsabilidade sobre a criança.

A criança ela precisa ser instruída, é um ser que está em transformação, é importante que os pais os ensinem valores, e os auxilia na formação de seu caráter para que mais tarde eles não venham a chorar a morte de seu filho. Porque se eles não ensinam, o mundo ensina, e muitas vezes da pior maneira.

5 CONCLUSÃO

Por tanto, entende-se que a família além de ser responsável pela educação da criança, ainda exerce um papel fundamental no desenvolvimento escolar. Quando os pais participam da vida escolar de seus filhos e se mostram interessados no progresso da criança, ela se sentirá valorizado e entenderá que o estudo é importante em sua vida. É importante que além da cobrança, os pais sejam exemplos. Como é que uma criança vai acreditar que é bom ler, se não vê os pais lendo? Ainda mais em pleno século XXI, onde a tecnologia está ocupando um espaço cada vez maior na vida das crianças. Foi possível observar que quando a família se encontra presente na vida escolar de seus filhos, auxiliando nas atividades de casa, reforçando o que se foi aprendido na escola, a criança se desenvolve de forma significativa, aprendendo a ler e a escrever de forma mais rápida, que aquele que não possuem o acompanhamento da família. E quando são educados em casa, o professor não perderia tempo tentando educar seus alunos e sim ensinando-lhes o que contribuirá com sua formação.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisca de Sousa; DINOZETTI, Rita; MORAIS, Juliana Marcondes de. **Pais, Filhos e Alfabetização em um Só Processo**. 06/04/2009. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:INl8b62SU3lJ:https://www.faecpr.edu.br/universidadevirtual/alfabetizacao/artigo_pais_filhos_e_alfabetizacao_e_m_um_so_processo.doc+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-ab acesso: 25/07/2017

CALDEIRA, Laura Bianca. **O conceito de Infância no Decorrer da História**. 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf acesso: 14/01/2017

CARDOSO. Ana Isabel Pereira; COSTA. Marli de Oliveira. **Criança e Infâncias, da Modernidade à Cidadania**. Centro Universitário Barriga Verde/Departamento de Educação Física/ Universidade do Extremo Sul Catarinense/Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão – PROPEX/Unesc. Rev. Técnico Científica. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/download/732/484> acesso: 10/01/2017

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Modos de Educação, Gênero e Relações Escola–Família**. Universidade Federal da Paraíba. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121> acesso em : 30/07/2017

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca. **Família e Aprendizagem Escolar**. Porto Alegre 2007 disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/24/TDE-2007-04-12T143957Z-499/Publico/389091.pdf acesso em: 25/07/2017

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática 1998.

DEMENECH, Flaviana. **Famílias: Diferentes Concepções Históricas**. Paraná. 2013. Disponível em: http://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1366661515_ARQUIVO_DEMENECH,2013UNICAMP.pdf acesso: 14/01/2017

DESSEM, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa.. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf> acesso em:04/08/2017

DESSEM, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa.. **Em Busca de uma Compreensão das Relações Entre Família e Escola**.. Brasília 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2823/282321816012/> acesso em: 28/07/2017

Ensino fundamental de nove anos : orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 135 p. : il. 1. Ampliação da escolarização. 2. Ensino fundamental. 3. Escolaridade obrigatória. 4. Duração da escolarização. I. Beauchamp, Jeanete. II. Pagel, Sandra Denise. III. Nascimento, Aricélia Ribeiro do. IV. Brasil. Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf> Acesso em: 05/08/2017

HEYWOOD. Colin, **Uma História da Infância: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre, Artmed 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a1435125.pdf> acesso: 27/08/2016

MOURA. Jônata Ferreira de, **A Infância como Categoria Histórico-Social**, 01/07/2009. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/infancia/> acesso: 13/11/2016

NETA, Emilia Santana Vieira; SILVA, Debora Regina Machado Silva. **Importancia da Família na Alfabetização da Criança**. Campinas-SP, Revista Interação 2º semestre 2014. Disponível em: http://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2016/11/4_A-importancia-da-familia-na-alfabetizacao-da-crianca.pdf acesso em: 06/06/2017

PAULA, Janete Dillman de. **A Influência da Família no Processo de Alfabetização**. Especialista em Educação e Contemporaneidade IFSUL – Campus Charqueadas. Revista Thema 2009. acesso: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:orv40d8k68sJ:revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/download/139/70+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-ab> em: 18/07/2017

ARIÉS, Philippe. **A História Social da Criança e da Família**

STIMIESKI, Ivone Teresinha. **A Importância da Família no Processo de Alfabetização do Educando**. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71991/000880588.pdf?sequence=1> acesso:15/07/2017

SILVA, Marta roseli pereira da. Família, **Escola e Aprendizagem**. Porto alegre 2010 disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36544/000818229.pdf?sequence=1> acessado: 02/08/2017

TRISTÃO, Mayara Cristina; CUSTÓDIO, Amanda Abadia Felizardo. **Importância da Família no Processo de Alfabetização nos Primeiros Anos da Infância**. Universidade Federal de Goiás –Regional Catalã. 2015. disponível em: http://www.falaprofessor2015.agb.org.br/resources/anais/5/1441734462_ARTIGO_ARTIGO.pdf acesso em:18/07/2017

7 APÊNDICES

Professora A

1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?

Sou formada em pedagogia pela UFPA Marabá, concursada pública desde julho de 2012 e atuo à docência nas séries iniciais desde então, ou seja, há cinco anos que estou em sala de aula.

2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?

Bom. Nem sempre, geralmente essa situação não é constante, mas esse ano de 2017 eu percebi que os pais estão mais envolvidos né, estão acompanhando mais os filhos, procuram sempre estar atentos envolvidos, com preocupação referente ao aprendizado, referente ao comportamento, se estão evoluindo.

3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?

A princípio, quando a gente vê que a criança está com algum tipo de dificuldade, quando eu percebo isso eu procuro fazer um estudo de caso, digamos assim, porque eu preciso entender, inclusive, até conversar com o pai com a mãe ou com a avó, ou o responsável da criança, para eu poder estar ciente do que está acontecendo com a criança. Porque só assim eu vou poder procurar uma forma, um meio de para ajudar a criança e fazer uma ponte entre a família, eu e a criança, para poder resolver essa dificuldade. Porque na verdade, os fatores externos relacionados à família, relacionada a qualquer crise, afeta o desenvolvimento da criança, na escola, na sua aprendizagem, a criança fica pácta, então, a pesar do pouco tempo de experiência que eu tenho com sala de aula, mas eu já costumo identificar essas situações e buscar resolve-las.

4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?

A única forma que tenho de envolver os pais na questão da aprendizagem, é reunindo, mostrando a evolução dos meninos através do caderno, é pedindo para que eles acompanhem as crianças em casa, verificando se tem tarefa para fazer, pedindo para o filho para ver o que ele aprendeu naquele dia, olhando os cadernos, acompanhando, indo até a mim, procurar como está o avanço, se a criança está avançando, perguntar qual é o grau de dificuldade que a criança está tendo. E outra, também, através do diagnóstico, faço o diagnóstico, tem o inicial e vou mostrando gradativamente, primeiro bimestre, segundo bimestre. Entendeu? Apresentando para os pais, quais foram os avanços que cada um teve, se teve algum retrocesso. Sabe? É dessa forma, porque assim. A escola não oferece outra forma para a gente, tipo assim, de estar trazendo a família para dentro da escola, não tem um projeto, não tem nada que eu possa pensar- a família está vindo para escola, então vou envolver ela por um outro meio, já que vai ter a participação dela em alguma coisa- não tem um projeto, nada que possa trazer a família, a comunidade para dentro da escola. Então a forma que eu acho mais direta, é no corpo a corpo no dia a dia, pai vai deixar a criança na escola e eu procuro estar mostrando os avanços, as dificuldades que cada um possui, porque uns aprende mais rápido, outros demoram um pouco mais, pois possuem mais dificuldades, cada criança possui seu tempo de aprendizado. Então é assim eu procuro pedir o apoio e estar envolvendo os pais diretamente no aprendizado do aluno. Deveria ter outro apoio, infelizmente nossa realidade é esta.

5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?

Assim, era para ser, é evidente que isso era pra acontecer, mas eu acredito que seja pela demanda, da quantidade de aluno na escola, inclusive com outros fatores de ocorrência que ocorre dentro da escola, e essa situação acaba sendo deixada de lado, não por querer, mas por conta da demanda de outras situações mais complicadas, mas, eu sempre procuro fazer essa ponte, essa ligação de estar envolvendo a família, estar buscando subsídios da maneira que eu posso, para poder superar essas dificuldades.

6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

É complicado a gente dá um diagnóstico, falar assim, é isso, a doença é essa, né? No caso. Mas, eu acho que tinha que ter mais o envolvimento dos pais, o envolvimento

da família na escola, a família tem que acompanhar mais os filhos, eu não estou isentando a direção, nem o corpo docente de suas responsabilidades, e não estou falando no geral, eu estou falando por mim, mas eu acredito que tinha que ser mais envolvimento, mais participação, tinha que ter mais união, tanto da comunidade, tanto da escola, a escola deveria proporcionar mais momentos e situações para envolver a família no acompanhamento dos filhos, para mostrar a importância. Por exemplo: todas as vezes que tem reuniões de pais, como é primeiro aninho, eu procuro sempre estar mostrando o diagnóstico dos filhos para os pais, o diagnóstico inicial, do primeiro bimestre, do segundo e tal e procuro mostrar as formas pelas quais eu faço avaliações com eles, mostrando métodos, mostrando como é que a gente identifica, como a gente sabe o nível que a criança está, e o que precisa fazer para que ela avance, mostrar para o pai, para a mãe, tentar envolver eles mostrando um certo tipo de didática que seja a nível dos pais para que eles possa estar auxiliando a criança em casa a criança em casa, porque isso é muito importante, o acompanhamento, porque a criança precisa sentir que o pai e a mãe ou o responsável, vó, tio, estão envolvido naquele processo e essa questão do envolvimento, da criança perceber esse envolvimento dos familiares, faz com que eles se sintam especiais e avancem.

Professora B**1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?**

Sou formada pela UFPA campus Marabá, iniciei o curso de psicopedagogia, mas ainda não concluí, e atuo na educação há 13 anos.

2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?

Alguns sim, outros não, na verdade a minoria. É muito importante que os pais participem da vida escolar de seus filhos. Quando os pais participam da vida escolar dos alunos, eles aprendem mais rápido, se desenvolve mais rápido. Quando os pais não participam da vida escolar dos alunos, eles aprendem, mas, a dificuldade no aprendizado é maior.

3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?

É difícil, porque os recursos que nos oferece é pouco. O ambiente não colabora muito, para você vê, não temos ar condicionado, aqui nessa sala, nem uma janela boa não tem, mas a gente procura fazer o melhor do jeito que a gente pode. A gente procura sempre estar trabalhando atividades diversificadas para poder sanar as dificuldades que os alunos têm, a gente procura fazer o melhor possível para que eles possam aprender de maneira satisfatória.

4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?

Sim. Através das atividades para a casa, mando as atividades para eles responderem em casa, que é uma forma deles estarem ajudando também os alunos em casa, mas nem sempre elas vêm respondidas. Tem pais que não acompanham o desenvolvimento da criança.

5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?

Minha filha, só quando a gente pede. A gente pede aí ela vai e arruma alguma coisa, ultimamente nem HP (Hora Pedagógica) está tendo, durante esse ano teve apenas 3 três. E ela ajuda também como pode, porque também não possui muitos recursos. Ela não tem uma sala para atender professor, ela não tem uma hora atividade para poder sentar com o professor para discutir as atividades. Nós não temos internet para buscar atividades diferenciadas para estar trabalhando com os alunos, então a gente se vira do jeito que pode.

6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

Para mudar a realidade, tinha que ter um prefeito bem comprometido com a educação. Né? Porque atualmente o prefeito quer só sugar dos professores, só quer cobrar, cobrar, cobrar, mas ele não quer ser cobrado de maneira alguma. Então eu acho que ele deveria ter mais responsabilidade com a educação, ele deveria dar mais suporte. Quarta feira ele disse que não é prioridade climatizar as escolas, não é prioridade do governo dele. Então sabemos que moramos em uma cidade que é muito quente, principalmente a tarde. O rendimento dos alunos da tarde é menor, porque eles são muito agitados, o calor é tanto que eles não conseguem nem se concentrar na hora de estudar. Então o que mudaria mesmo essa situação, são, gestores comprometidos, assim o professor fica mais alegre, se compromete mais com seu trabalho, porque hoje em dia estamos trabalhando insatisfeito com a gestão, insatisfeito com o governo, insatisfeito com o que ele está fazendo com a categoria, ao invés de ele valorizar nosso trabalho e aumentar nosso salário, ele está diminuindo. Quem fica alegre quando uma pessoa te desvaloriza? Ninguém fica alegre. Então seria um gestor comprometido com a educação, que poderia mudar a educação, a cara da educação.

Professora C**1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?**

Eu sou formada em pedagogia, eu cursei pela instituição Vale do Acaraú, que é Universidade Estadual do Ceará, foi aqui mesmo em Marabá na UVA e atuo na docência nas séries iniciais do ensino fundamental a vinte e três anos aqui em Marabá, concursada na Rede Municipal de Ensino.

2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?

São poucos, né? São poucos os pais. Aqueles que participam, que acompanham a vida escolar de seus filhos, tem um bom desenvolvimento, não tenho dificuldades com eles, o progresso acontece de forma mais rápida. É importante porque? Com a participação dos pais, o aluno tem melhor aprendizado, a aprendizagem acontece de forma mais rápida, e as atividades que a gente planeja para desenvolver com eles, são alcançados os objetivos.

3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?

A gente tenta trabalhar todo mundo igual, né? Mas não existe essa questão de turmas homogêneas. Então torna-se o trabalho difícil e ao mesmo tempo a gente compreende que isso faz parte do trabalho, até porque são crianças com realidades diferentes, então eu tento trabalhar de acordo com o nível de desenvolvimento de cada aluno.

4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?

Essa é uma das questões mais difíceis. Por que? Nossos alunos são de classe baixa, e a maioria dos pais, ou eles não sabem ler, ou eles trabalham o dia todo. A maioria dos alunos não convivem com os pais, convivem mais com as mães e as mães tem que trabalhar para dar o sustento dos filhos e acabam não tendo tempo. Mas sempre

que posso peço para os pais acompanharem em casa, ajudar nas atividades que vão para a casa, tirar um pouco de seu tempo para dedicar a eles.

5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?

Oferece. Temos uma coordenadora, que está sempre ajudando a gente, quando temos dificuldades a gente vai com ela e pede ajuda sobre as atividades, os materiais paradidáticos, jogos. E com a internet as coisas ficam mais fáceis, temos computadores na escola, então se torna mais fácil. Se precisar conversar com os pais, ela chama e tenta resolver a situação das crianças.

6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

Eu acredito assim, que se diminuísse a quantidade de alunos na sala, seria bem melhor para você está acompanhando individualmente, até conhecendo a família mesmo, a questão de as salas serem muito quentes deixam as crianças mais agitadas e isso dificulta a aprendizagem deles, não se concentram, uma questão de governo mesmo, não da escola.

Professora D**1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?**

Bom, eu já tenho 23 anos na docência, sou formada em pedagogia, tenho especialização em uma abordagem textual, língua portuguesa e em psicopedagogia.

2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?

Olha, eu passei muitos anos, na maioria dos anos que trabalhei em marabá, foi em uma escola em periferia, então eu posso dizer que metade dos pais, cinquenta por cento, eles contribuía, na medida do possível, com a alfabetização dos filhos deles. Os outros cinquenta por cento, na verdade não tinha nem como eu pedir ajuda, porque tinha pais que estavam na prisão, tinha alunos que moravam com os avós, mas também não davam muita importância, talvez, até pelo pouco conhecimento que eles tinham e acabava que não dava muita importância, para a questão do aprendizado de seus filhos. Os pais que participavam ativamente, com certeza os alunos avançavam em suas aprendizagens com melhor desempenho, que os alunos onde os pais não participavam, não se envolviam. Agora nos tínhamos também os pais que as vezes, mesmo que não se envolviam de uma certa forma, fazendo intervenção em casa, respondendo as atividades de casa, mas só o fato de levarem as crianças para a escola, isso para a gente já era uma boa intervenção. Porque também, nesse mesmo grupo de pais, havia pais que nem se quer sabia se o filho havia ido ou não para a escola, que saía de casa dizendo que ia para a escola e de repente não aparecia. Muitas vezes ficava por conta da própria criança.

3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?

Olha, na questão da infraestrutura, hoje está bem mais tranquilo, mesmo que tenhamos muitas dificuldades, mas antes a infraestrutura era bem pior, e também pelo fato das crianças estarem inserida em uma comunidade onde os pais tinham muitas

dificuldades, quando eles chegavam na escola, pareciam que chegavam em um espaço melhor do que o que eles conviviam em contra turno, quando não estavam em sala de aula. Porém nós sempre trabalhamos com rotina, organizávamos a rotina bimestral dentro dessa rotina, nós planejamos conteúdos que fossem trabalhados, desenvolvidos a partir das modalidades organizativas, com projeto didático, com sequencia didática, principalmente com projetos e nesse projeto não envolvia somente os alunos, mas, os pais de alunos também, trabalhamos muito tempo com projeto programa escola que vale, onde envolvia toda a comunidade na medida do possível. Então quando eles no projeto didático de leitura e escrita, eles também são autores e quando você passa responsabilidade também para eles, eles se sentem úteis, se sentem mais envolvidos. Lembro que teve uma época que trabalhamos projetos com animai, os alunos levavam seu próprio animal, ou até mesmo os que passavam na rua, levavam para a escola para acompanharmos o desenvolvimento, o comportamento desse animal. Então assim, de uma certa forma, a dinâmica do trabalho pedagógico, principalmente com projetos, envolve mais os alunos em sala de aula, porque eles se sentem mais responsáveis em participar, não é aquela coisa de chegar e empurrar, não, quando você vai trabalhar projeto didático você compartilha o projeto com eles, objetivo do projeto, e ali você vai criando uma dinâmica numa sequência de atividades onde todos precisam estar envolvidos. Porque não é você chegar e passar conteúdo, é você favorecer o espaço para construir conhecimentos junto com eles.

4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?

Como havia falado, buscava trabalhar projetos, porque ela não envolve somente os alunos, eles envolviam também a comunidade, mas, não conseguíamos atingir sem por sento dos pais, devido as dificuldades que já citei, por estarem presos, pais que não valorizavam a família em primeiro lugar, tinham alunos filhos de assassinos, traficantes, então assim, era uma periferia onde não tinha como você ter o olhar apenas de professora naquele momento, era de educadora mesmo, porque tu se envolvia também, de uma certa forma com a vida de cada um, porque até pra tu fazer uma intervenção, tu tinha que conhecer cada um, até que ponto você poderia intervir naquele momento, de que forma ele estava, até para observar o comportamento de cada aluno que estava em sala de aula, é um cuidado que você tem que ter quando

se trabalha na sala de aula. É lógico que de maneira geral, você tem que ter esse cuidado com qualquer aluno, mas quando é em periferia, que tem essas particularidades, o cuidado é maior ainda, porque a violência vem junto, então de uma certa forma, os pais se envolviam mais quando era com projeto didático. Tinha pesquisa que a gente propunha para os alunos fazerem em casa com os pais, na comunidade, então os pais se envolviam também, se o projeto envolvia as pessoas mais velhas da comunidade, eles iam dar entrevistas na sala de aula, então de uma certa forma eles estavam envolvidos, mas o projeto é a modalidade que ao meu ver é o que mais favorece esse envolvimento com os pais, daí a importância da gente trabalhar rotina semanal.

5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?

Olha, hoje já há uma orientação maior sobre o trabalho do coordenador pedagógico. Quando eu estava em sala de aula, havia o coordenador pedagógico, uma parte de um tempo era itinerante, outros, mesmo em outros anos que tinha, que era responsável pela mesma escola, mas infelizmente naquele período, era alguns coordenadores pedagógicos que contribuíam de fato, no desenvolvimento desses projetos. Uns, porque as vezes eles tinham pouco conhecimento, as vezes você mesmo enquanto professora, terminava que não recorria a ele, porque de uma certa forma, você sabia que teria muita contribuição por parte do coordenador pedagógico. Hoje há uma cobrança, uma orientação maior, em relação ao desenvolvimento desse profissional na escola, antes a gente não via muita contribuição significativa. Ele estava na escola, porém, não contribuía de acordo com a necessidade do grupo naquela escola, naquele momento.

6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

Olha, nós fazemos acompanhamento pedagógico nas escolas. São inúmeras as condições que deveria ser assegurado, né? Eu acompanho trabalhos do primeiro ao quinto ano especificamente, porém, desde a estrutura, que não é fácil vocês estar com uma turma de 35, 40 alunos na sala superlotada, as vezes nem o ventilador não funciona, é lógico que isso não é generalizando, tem escolas que tem centrais de ar,

enfim. Nós temos a necessidade grande de investimento na hora atividade do professor, porque eles participam de formação mensalmente, eles recebem orientação tanto no encontro de formação, como recebem informações e orientações, no acompanhamento pedagógico realizado nas escolas. O acompanhamento pedagógico que nós chamamos. é feito pelos orientadores de estudos, formadores aqui da SEMED, que vão até a escola orientar o trabalho deles (professores). Então, mais diante dessas orientações, se hoje fosse assegurado a esse profissional hora atividade, além da hora pedagógica que já tem na rede, é necessário também, que haja mais tempo para o professor realizar seu planejamento, para o professor sentar junto com o coordenador pedagógico e tirar algumas dúvidas. Então assim, são situações que iriam favorecer muito o trabalho do professor se estivesse investimento na hora atividade, e é lógico, que não tem como a gente deixar também, como a gente acompanha formação a muito tempo a gente percebe também a situação do compromisso de cada um. A gente fala que o compromisso, eu falo do compromisso gestora da escola, compromisso do professor, compromisso dos pais, compromisso da equipe de formação, na qual eu também participo, compromisso do gestor municipal, cada um investindo dentro das suas funções, das suas atribuições, aí sim, hoje teríamos um número maior de alunos alfabetizados. se todos cumprissem seu papel, hoje, sem dúvidas, teríamos um número satisfatório de alunos alfabetizados. Tem quem faça sua parte, assim como infelizmente tem pesam que se o poder público não se importa eu também não vou me importar, mas os alunos continuam na sala de aula, e infelizmente são os mais prejudicados.

Professora E**1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?**

Cursei o antigo segundo grau, magistério, fiz Licenciatura em Biologia na FISC (Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul – RN) e posteriormente, Licenciatura em Matemática na UFPA hoje denominada UNIFESSPA. Quanto a docência, iniciei essas atividades em 1978 com turmas na maioria das vezes, multisseriadas, em escolas localizadas na zona rural e como professora única. Trabalhei desta forma até 1985, portanto, oito anos de efetivo exercício em alfabetização e Ensino Fundamental menor. Em 1986, chegando em Marabá, não atuei mais no Ensino Fundamental menor, e sim no Ensino Fundamental maior, nossa antiga 5ª a 8ª série por mais oito anos, até 1993. Neste período trabalhei com hora estabelecido pela escola, senti muita diferença, pois, nesta forma de ensino, tudo é mais automatizado, perde-se um pouco do vínculo com o aluno, A preocupação é “passar” conteúdo. Em 1994, mesmo atuando no Ensino Fundamental maior, assumi também algumas turmas do Ensino Médio, isto até 1996, contando aí mais três anos. A partir daí passei a atuar exclusivamente no Ensino Médio, no então SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino) que visava levar o Ensino Médio as localidades longínquas das sedes municipais e que era específico no estado do Pará, trabalhando aí mais doze anos. Tenho 31 anos ininterruptos de docência. Bons tempos.

2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?

No início da minha atividade docente, tive sim uma grande participação dos pais nas atividades escolares, talvez porque referia-se à educação de crianças e o início de sua alfabetização e ainda mais por ser no interior, (zona rural) onde a família era o centro de todas as atividades e num tempo em que se respeitava a autoridade dos pais. Hoje temos grande parte de nossas famílias desestruturadas o que dificulta a relação da escola com os pais. Já durante minha atuação no Ensino Fundamental maior foi mais difícil a relação com os pais. A ocupação deles (pais) com o trabalho para prover o sustento da família muitas vezes os impedia de frequentar a escola, participar de reuniões e até de saber como estavam seus filhos nos estudos. Pais de alunos das escolas particulares limitam-se a pagar as mensalidades escolares e muitos pais de alunos de escolas públicas nem mesmo se importam com o material

escolar dos alunos. Durante esses 31 anos de docência pude perceber que alunos cujos pais se envolviam com a escola e suas atividades, apresentavam um melhor desenvolvimento cognitivo. Eram alunos mais assíduos e interessados.

3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?

Sabemos que a alfabetização não acontece apenas nas séries iniciais, é um aprendizado constante ininterrupto. Encontramos hoje, no Ensino Médio, alunos que escrevem absurdos. Isso sempre existiu, agora piorou. O que acontece é que hoje temos muitas regras modificadas, o que antes valia, o que era correto, não vale mais. Pode-se até escrever graficamente errado, o computador aceita e corrige. No celular nem é preciso escrever a palavra toda, ela aparece e você confirma. Nem é necessário pensar. Hoje os professores não cobram, não exige que o aluno escreva corretamente. O aluno ler um ou dois livros por ano, porque a escola exige, não é da vontade dele. Porque ler páginas e mais páginas se o computador nos apresenta instantaneamente o que queremos saber? A modernidade da informática não deixa nossos alunos pensar e nem ler. Voltando a questão, quero dizer que nos tempos em que trabalhei com a alfabetização, sempre tive turmas multisseriadas, mesmo sendo isso trabalho dobrado, era bastante produtivo, pois os alunos mais desenvolvidos sempre ajudavam os das séries anteriores e isso fazia também com que os alunos das séries anteriores demonstrassem mais curiosidade em relação aos assuntos maiores, e os menores aprendiam porque tinham curiosidade. Isso não acontece hoje porque temos turmas superlotadas, impossível juntar duas séries diferentes, sem contar que nossos alunos não apresentam curiosidade em relação aos assuntos escolares. O interesse da maioria dos nossos alunos de hoje é jogos de informática.

4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?

Eu acredito que a 30 – 40 anos atrás era mais fácil e interessante envolver os pais no aprendizado das crianças. Aproveitavam-se todas as datas comemorativas do ano, para proporcionar eventos que envolvesse os alunos, pais, professores e a comunidade escolar. Praticamente todos os meses tínhamos atividades com a comunidade, isto era importante para todos, pois sentiam-se valorizados e cada um queria mostrar seu melhor, todos demonstravam comprometimento com a escola. Sinto que após a virada do século XX para o século XXI, o sistema de ensino teve uma grande decadência. Poucos são os alunos interessados, e poucos são os orientadores (professores) realmente comprometidos.

5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?

Durante o tempo que trabalhei com alfabetização e ensino fundamental menor, não tive acompanhamento de coordenação, a gente era tudo na escola, diretora, secretária, orientadora, professora, merendeira e faxineira, vigilante não era necessário, era tudo aberto, a escola não tinha muro. O aprendizado do aluno era nosso objetivo, fazia-se de tudo para que isso acontecesse, e talvez esse era o motivo de envolver tanto os pais e a comunidade no processo ensino-aprendizagem. Todos tinham interesse em ver o aluno crescer. Já no período em que trabalhei com o ensino fundamental maior, ouve sim por parte da direção da escola alguns empecilhos para realizar certas estratégias de aprendizagem, mas que no final acabou dando certo, mas, foi necessário impor-se gente na escola assinando ponto de frequência, cada um com sua tarefa específica e pouquíssima gente que esteja realmente comprometida com o aprendizado e a educação. Um dos grandes empecilhos de levar os pais para a escola hoje, é que só os chamamos quando há algo de errado, só os chamamos para reclamar, só os chamamos para apontar defeitos. Qual pai quer ouvir isso do seu filho? É preciso que a escola mude o motivo de envolver os pais com a comunidade escolar. Os pais de nossos alunos vão voltar a escola quando mudar o motivo de convida-los.

6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

Hoje estudam-se tantas técnicas, promovem-se eventos, convocam-se professores para curso de aperfeiçoamento, proferem-se palestras com mestres e doutores, expandem-se faculdades, concursos e mais cursos, até a longa distância. E tudo isso para quê? Diz-se que é para termos profissionais mais bem capacitados, com melhor formação, mais aperfeiçoados, só que esses mesmo profissionais ao voltarem para suas unidades escolares, continuam atuando da mesma forma de outrora. E o alvo principal de tudo isso, nossos alunos, não percebem mudanças por quê? Porque falta o principal, falta o essencial, falta o comprometimento com o aprendizado, comprometimento com nosso aluno. Enquanto não houver comprometimento por parte dos nossos profissionais da educação, não haverá avanços significativos.

Diretora A**1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?**

É, eu sou pedagoga e tenho especialização em educação inclusiva e gestão escolar, exerço essa função a vinte e sete anos.

**2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza?
Como é a relação da comunidade com a escola?**

Tem mãe que só vem a escola quando a gente chama, essa reunião que eu falo que há maior participação dos pais, é o de sempre, os mesmos, entendeu? Os mesmos que vem para as reuniões, os mesmo que participam. Por exemplo: se é uma consulta de vista gratuita, os mesmos pais, se é uma ajuda que estou pedindo, é uma feira da pechincha, é um bingo, são os mesmos pais que vem. Então a gente ainda não conseguiu trazer todos os pais para eles entender que eles têm que vir a escola. A participação dos pais ainda é em minoria, e isso é porque eu trato com um jeitinho, muito carinho e respeito, a gente ainda segura esses que estão vindo, mas não é fácil hoje.

3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?

Parceria, tratamento, um bom relacionamento e acima de tudo respeito, respeito escola-comunidade, estar convidando essa comunidade sempre que estiver os eventos na escola, quando tem reunião de conselho, também a gente convida a comunidade a participar, enfim, é reunião é parceria.

4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?

Sempre, é muito importante a escola receber a família, sempre que eles precisam, eles podem estar vindo, que no que a gente puder ajudar, a gente ajuda. Por exemplo: aqui temos três famílias que estão no mundo das drogas, e não é o pai, é a mãe, o pai já largou, abandonou, né? E eu ajudo eles. Tem uma família que é muito distinta, mas assim, as crianças não têm perfil de pais que estão drogados, de pais que estão separados. É dos meus mais educados, eles não xingam palavrão. Quando vem a assistente social entrevistar sobre a vida deles, eles dão show, é prescindível que lá na casa influencia, mas não é tanto, porque a escola está ajudando mais que a família. Hoje eu me considero a família deles, e eles são a escola deles, uma escola que está

mostrando só coisas ruins para eles, mas aqui eu tento tirar essas coisas da cabeça deles, que eles são capazes, que não vão usar a droga que a mamãe deles está usando, porque hoje ela é dependente química. Eles não tiveram ninguém para salvar eles, e eu estou aqui para salvar eles, no total cinco crianças de uma família e dois de outra família, mas eu tenho muita fé, que vou mudar o rumo da história deles, antes de eu me aposentar quero deixar tudo dentro dos conformes. Minha missão aqui é muito pesada, sabe amiga? E eu amo o que eu faço. Ontem uma pessoa me perguntou assim: “você já vai se aposentar, né? Já está no caminho de se aposentar, e se fosse para voltar em outra vida, voltaria como professora? Eu disse, volto, eu amo o que eu faço. Eu tanto amo que eu faço, que eu estou indecisa. Eu aposento ou não? E está assim de gente querendo. Chega o dia, eu tô triste. Eu adoro o que faço, adoro, adoro. A pessoa quando está fora daqui, não tem noção da realidade. E você só passa a ter prazer, a gostar e enfrentar esse desafio, quando você está vivendo isso. Que até então, você está lá, mas nem imagina o que acontece dentro da escola. É muita coisa que acontece dentro da escola. É menino se abrindo para o homossexualismo, menina querendo beijar na boca da outra, aí tem que chamar ela, dizer para ela que ela precisa crescer para poder escolher o que quer. É entrar na vida, entrar na casa, conversar e querer mudar. Porque eu não consigo ficar só aqui, ser diretora de gabinete. Eu gosto de ir lá na casa, de ir lá na base para saber. Que é uma questão que eu fico muito impressionada. No caso dessas crianças que os pais são drogados, como são aqui dentro? Completamente diferente dos outros, que tem roupa bonitinha, tem calçado, tem comida todo dia. Tem um deles que tem dia que chega doze horas. A aula começa uma e meia, é porque ele não tem comida na casa dele, ele não comeu, aí a gente dá uma comida, um lanche para ele. Aí aqueles que tem tudo, ainda desvirtua, na sala tem nota vermelha, não quer aprender. Teve um dia que mãe de um deles chegou aqui com a cabeça quebrada, que o pai dele quebrou, porque ela comprou droga fiado e não pagou, ele fala assim: tia, dá pra senhora me dá dez reais, pra minha mãe fazer o curativo dela. Ele tem oito anos e é muito inteligente, ele fala que vai tirar a mãe dele dessa vida, está estudando, para trabalhar e dá uma casa boa pra ela, um carro pra ela andar, aí eu tento preparar ele, porque desde os quatorze anos que ela usa droga, hoje ela tem quarenta e seis anos, o organismo já está debilitado. Ela tem que se internar, mas ela não quer, porque não pode levar eles, ela ama eles demais, realmente ela tem muito amor por eles, ela

cuida bem deles, vem banhá-los, quando ele vem sem comer, é porque ela não tem mesmo de onde tirar, o dinheiro é pra droga.

5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

O problema financeiro é o número um. A desassistência também, na maioria das vezes a secretaria de educação, porque a escola hoje que tem recurso, eles não dão mais atenção para a gente, porque eles acham que com aquele recurso eu vou estar resolvendo todos os problemas da escola, aí queima bomba, acaba bomba, uma bomba dessa é um mil e quinhentos reais, quebra cadeira, ladrão entra na escola e rouba tudo, é o diretor que tem que fazer uma porta nova, colocar a grade nova, sabe? É nós, a responsabilidade tudo é nossa. Não temos apoio da secretaria de educação, quando se trata da escola que se tem um pouco de recursos, aí eles enrolam. E quem se prejudica é os alunos, porque se não tem água não se tem aula, e com isso acaba atrasando o aprendizado deles. Só que a gente continua cobrando, um dos meus maiores desafios agora, é conquistar a reforma da escola. Tem quatro anos que estou pedindo por ofício, memorando e agora estou na lista de uma reforma, porém, estou dependendo da SEMED fazer licitações, ganhar essa licitação para poder comprar o material, a mão de obra está ganha, que é o exército que vai fazer, mas é assim, já esta dada entrada. O desafio maior é que a comunidade entenda que a escola é lugar de pais também, que a escola não é mãe dos filhos deles, a escola é parceira para ajudar no futuro deles, na formação. Até crianças eles esquecem aqui, ontem eu fiquei aqui até sete e meia, porque eles esqueceram. Eles tinham que entender que tem hora para tudo, tem momento para tudo, que o envolvimento deles na escola é muito importante.

Diretora B**1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?**

A minha formação, sou pedagoga, especialista em gestão, sou formada pela UEPA, e estou aqui na direção há 6 anos. Nessa escola estou a vinte anos, fui professora depois passei para ser coordenadora e depois fui convidada a ser diretora, então já estou a bastante tempo aqui.

**2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza?
Como é a relação da comunidade com a escola?**

A comunidade é uma conquista, não é tão fácil, né? Mas assim, nós não somos a melhor escola, mas, a gente se esforça. A comunidade aqui ela é participativa. A gente fala para os pais o seguinte, eles têm o direito de vir, de olhar, de cobrar, de participar. Quando você fala para o pai que ele tem o direito de vir, que ele tem direito de brigar, ele fica mais interessado, ele é ouvido, ele é escutado, então, qualquer detalhe eles estão aqui dentro. Eu estava atendendo um pai, então fica mais fácil. Todos os eventos que realizamos na escola, os pais participam, não são todos, mas a maioria. Porque a gente convida, a gente deixa aberta, essa parte deles estarem participando, deles estarem vindo, a gente dá essa oportunidade. Não é só uma oportunidade que a gente convida e deixa eles entrarem, eu acredito que eles se sentem bem à vontade, e assim, nós temos uma boa clientela de pais, e tem pai que eu nunca vi, tem pai que eu não conheço.

3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?

É essa questão mesmo de estar envolvendo eles, a gente convida eles para as reuniões, a gente convida para falar da tarefa de casa. Pai você acompanha? Você está fazendo? Tira dois minutos, tenta orientar. Porque o nosso conhecimento é além de alguns pais. Então qual é a nossa obrigação? É a de orientar eles, o que é que eles têm que fazer, em questão do ensino-aprendizagem em casa, e de acompanhar. Porque hoje, a sociedade que os pais vivem, é muito insegura, é desemprego, é falta de moradia, a questão social deles é muito difícil, então eles querem derramar tudo isso em cima do filho. E aí onde reflete isso? Dentro da escola, é o menino mal-humorado, é um menino zangado, é uma criança triste, é uma criança sem

perspectiva, e a gente conversa isso com os pais, para que não aconteça. Acriança não tem culpa de nada, se eles souberem orientar, não vai perder.

4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?

Dos pais, é só em reuniões mesmo, conversado. Eu acho que nós ainda precisa melhorar muito, junto a secretaria, ofertar palestras, ensinamentos de algo a mais para os pais, porque eles precisam, né? Por enquanto a escola só faz isso. Agora para os alunos não. Tem a educação especial que a gente encaminha o aluno e encontra a dificuldade nele, tem as aulas de reforço, tem o Programa Mais Educação que ajuda muito a escola. As aulas de reforço funcionam em todas as séries, menos nos primeiros anos. Porque assim, é o primeiro ano do aluno, ele está se adaptando, então não é necessário forçar a ele ter esse aprendizado maior. Mas mesmo assim os professores pegam leituras na sala, como reforço escolar, né? Nas outras turmas, o aluno que precisa, tem reforço, a gente faz tipo um malabarismo aqui dentro, então as vezes eu pego, eu sou a mais relapso, mas as vezes eu pego, mas tem a orientadora, tem a coordenadora, tem o pessoal da sala de leitura, que são nosso suporte maior na questão do reforço escolar, todos se envolvem na questão escola, porque se deixar somente para os professores em sala, tem dia que eles conseguem pegar leitura, tem dia que ele não vai conseguir. É muita tarefa para o professor que está em sala de aula, são muitos alunos, então precisa de todo o apoio dos colaboradores da escola.

5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

Olha, o desafio maior, é o conhecimento dos pais em relação ao ensino do aluno, não sabe ler, não sabe escrever. E assim, questão de conhecimento de mundo. Os pais que são analfabetos, eles têm grandes conhecimentos para passar para o filho, por conversa, na orientação, orientando eles – ó, tem tarefas? – Não, - então vai ler, vai estudar a tabuada, isso já é um grande suporte para a criança. Eu acredito que nós precisamos ainda se aproximar muito mais dos pais. Que eles venham até a escola, quando tenham mais tempo. Que ainda existe essa questão de eles terem tempo e não saber o que fazer, quem é prejudicado é o aluno. Mas assim, o desafio é a questão é a questão do conhecimento mesmo, nós ajudar eles no conhecimento que eles não sabem, e eles procurar a escola para ter esse conhecimento. Porque tem muitos pais ainda que acha a escola como obrigação de um tudo – eu coloquei meu filho na

escola, ele que fique lá e estude. Educar perpassa longe da escola, a gente só reforça, mas a família precisa se unir a isso, mês temos uma boa clientela, tem desafios, mas, temos boas clientela. O que eu tenho mais problemas aqui é com álcool, os pais somem no mundo, alcoólatras, então quando eles chegam em casa, eles maltratam a família inteira, maltrata a mãe, maltrata os filhos, falam grosso, batem, então assim, quando a gente vai conversar com a criança, eles falam meu pai estava bêbado, meu pai briga muito com minha mãe, então para mim o álcool está sendo o vilão, sabe? Ele é o que nos traz mais transtorno na sociedade hoje, e se tornam crianças muito agressivas. Quando você vê uma criança agressiva, você pode estudar ele que tem alguma coisa por traz. Se eu estivesse o poder de decisão hoje, todas as escolas teriam que ter um assistente social e um psicólogo, todas as escolas, para os funcionários e para as crianças, na medida que houvesse para atender todos os funcionários e todas as crianças, a gente chegaria até as famílias. Outra coisa para melhorar é aumentar os crás, e divulgar o que é para ti, e o que é pra mim. Tem os crás, mas as vezes a comunidade é tão desenformada, não sabe que lá no crás tem assistente social, uma psicóloga, uma pessoa que vai fazer um atendimento com ele. Outra coisa, as famílias são muito relutantes em conversar com outros, eles têm medo de falar de conversar, então eles não querem tratar da vida deles, porque ele bebe. Então o assistencialismo do poder público é muito distante das famílias, eu acho que eles deveriam estar mais próximos, andar junto com os agentes de saúde tinha que ter um psicólogo, um assistente social e adentrar nas casas das pessoas para ver como estar. Então o poder público tinha que descer mesmo e vir até as famílias, tem os crás, mas é muito pouco para Marabá, aqui no Belo Horizonte não temos nenhum, nós temos um monte de mazelas aqui que precisa disso, e eu acho que Marabá como um todo, né? Eu acredito que aquilo que se faz que está dando certo, todo mundo teria que fazer, quando eu vejo uma escola fazendo algo dar certo, eu copio e tento aprimorar, dentro da minha comunidade, a gente não pode é estar errando toda hora, temos que tentar é acertar.

Diretora C**1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?**

Sou formada em pedagogia, com especialização em psicopedagogia, tenho nove anos na função, mas estou na educação a quase 16 anos.

2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza? Como é a relação da comunidade com a escola?

Participava e muito, a comunidade é bastante presente, e os pais se preocupam em acompanhar a educação de seus filhos, sempre participaram em peso das reuniões, a escola sempre manteve uma boa relação com as famílias, as famílias sempre que precisam procuram a escola para saber do rendimento escolar de seus filhos, não tive problemas relacionada às crianças ou a comunidade na escola.

3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?

A gente costuma trabalhar com datas comemorativas, festas juninas, dia dos pais, das mães, têm reuniões todos os bimestres, onde os pais sempre estão presentes, graças a Deus a comunidade participa em peso de todos os eventos organizados na escola, a gente está sempre convidando a família para vir a escola.

4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?

Sim, são poucos os casos, porque aqui na escola a maioria dos nossos alunos vem de famílias de boa condição. Então aqueles casos em que os alunos precisam de uma declaração para que possa agilizar o processo de uma consulta de visão, ou de um acompanhamento especializado, alguns buscavam orientações, mas, era muito raro um caso desses.

5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

A falta de recursos era um dos problemas que a escola enfrenta, muitas das vezes é necessário tirar do próprio bolso para comprar material de limpeza, algumas vezes papel A4, para as necessidades que vão surgindo, tem uma verba que recebemos, mais é muito pouco, não dá custear todas as despesas, então a gente dá preferência para aqueles mais urgentes. O investimento na educação é muito pouco, e a desvalorização do profissional também, nosso salário foi reduzido e infelizmente não

podemos fazer nada, não foi só o nosso salário, mas, vários outros benefícios. A escola elabora vários eventos para assegurar a participação da comunidade, mas, para que isso ocorra, temos que tirar dinheiro do nosso bolso, os professores e todos da escola colabora com um pouco para que as coisas funcionem.

Diretora D**1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?**

Eu sou pedagoga, com especialização em supervisão administração escolar e atuo a um ano e meio na direção, mas tenho vinte e um anos na educação, que trabalho na educação.

2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza? Como é a relação da comunidade com a escola?

Sim, eles costumam sim participar dos eventos, das programações, digamos que 95% da comunidade escolar participa. A escola possui uma boa relação com as famílias.

3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?

Olha, justamente isso, acho que os eventos, todos os trabalhos que a gente oferece, oferta para as crianças, como gincanas, essas comemorações que usamos as datas comemorativas, estamos convidando os pais para prestigiar os trabalhos das crianças. né? E tem dado certo a gente sempre está colocando que a escola é um espaço deles, nossos projetos estamos sempre apresentando para eles, convidando a participarem, a serem atuantes mesmo.

4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?

Então, a gente tem parceria, as igrejas oferecem reforço para os alunos, aula de violão, de balé. Nós temos duas igrejas bastante parceira conosco, em termo de reforço e esses cursos, além disso a gente tem a presença constante do concelho tutelar, fazendo orientações, acompanhamento, encaminhamento quando é necessária, a gente tem duas psicólogas conosco, que não é da rede, é parceira mesmo e está conosco semanalmente, se voluntariando. Tem mães também que dá suporte de reforço aqui na escola, tem mães que são bem parceira mesma em relação a ornamentação, reciclagem, artesanato, temos a parceria de algumas mães da comunidade escolar.

5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

A gente sempre fala e percebe que a dificuldade está na família digamos assim, desestruturada. Muitas vezes não consegue tratar da educação do seu filho, porque

também ele não teve isso quando criança, quando adolescente, esse acompanhamento, esse apoio da família. A gente faz esse acompanhamento não somente com as crianças, mas com os pais. É preciso que a gente faça toda uma educação, uma conversa de orientação e tudo com a família, para poder fazer isso paralelo com a criança. Não temos dificuldades em tem-la na escola, mas, essa dificuldade das crianças as vezes faltar a escola, né? De não ter suporte em casa porque as vezes o pai é leigo também, ele não tem leitura, é maior dificuldade eu posso dizer, que aí você tem que ir na casa da família, fazer essa orientação com cuidado pra vê se ele faz esse devolutivo com a criança, não dá pra gente fazer esse trabalho, essa conversa só com a criança, a maioria das crianças que tem dificuldades de aprendizado, a gente procura ir a fundo o que causa e geralmente é essas questões familiares, famílias desestabilizadas. Toda escola deveria ter um psicopedagogo presente na escola, ter um orientador nem isso a escola tem, a gente não tem essas pessoas para dar um apoio, um suporte, se a gente estivesse um apoio do governo por essa parte, que a gente sabe que é de direito, já era um começo, um suporte, além de outros, oficinas, palestras, claro que a gente faz essas oficinas e palestras, mas é algo nosso, não disponibilizado pela rede, a questão do governo é algo frágil, infelizmente.

Diretora E**1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?**

Eu tenho duas formações. Eu sou formada em educação física, com especialização em educação física escolar, já atuei na área, e tenho formação em pedagogia, com especialização em educação do campo e tem quatro anos que atuo nessa função, em dezembro vai fazer quatro anos que entrei como gestora.

2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza?**Como é a relação da comunidade com a escola?**

Nem sempre, tem alguns eventos que são direcionados a comunidade e outros aos alunos mesmo, quando os eventos são destinados a comunidade, tem aqueles pais que tem aquele zelo de vir, até que a gente tem uma participação bem grande, agora no dia a dia a gente gostaria que fosse uma relação mais presente, e não é, só quando a gente chama, porque o aluno aprontou alguma coisa, tem aqueles que nem chamando, dá um telefone que a gente não consegue entrar em contato. Tem aqueles né? Mas, é exceção. Os piores alunos, são de famílias mais relapsa, os alunos mais difíceis geralmente são os de família mais relapsa, aquele que nunca comparece na escola, não vem em eventos, e mesmo quando a gente chama, não vem ou tem dificuldade de comparecer, são alunos bem complicados que com certeza não tem acompanhamento em casa, e não são poucos não, são muitos.

3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?

É tem ações, dentro dos planos de ações da escola, tem ações que são específicas mesmo para maior participação da comunidade, tem eventos que são dos alunos, mas a gente quer apresentar para os pais os trabalhos deles, tem eventos pontuais na escola que a gente convida, para eles estarem presentes, tem ações dos dias dos pais, tem o envolvimento dos alunos e dos pais também, das mães tem família na escola, homenagem as mulheres, fora as ações dos trabalhos do alunos que a gente chama os pais para assistirem, os projetos como: conhecendo a cidade, então os alunos fazem várias atividades, voltadas para conhecer melhor a cidade onde eles vivem, eles fazem exposição dentro da escola e a gente chama os pais para estarem presentes e apreciar os trabalhos de seus filhos, tem trabalhos de combate ao racismo, ao preconceito racial, são ações em que estamos convidando os pais para

estarem participando, aniversário da escola também. Tem muita participação da comunidade nos eventos da escola.

4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?

Os pais costumam vir até a escola pedir orientação relacionado ao problema do filho, para problemas de saúde, questões de alunos com problemas visuais, eles pedem e a gente manda documentos para a secretaria de assistência social, para ver se eles conseguem fazer atendimento com essa criança, que as vezes está com problema de aprender e não tem como pagar, nunca foi no médico. E a gente faz essa ponte, pede para a secretaria de assistência está atendendo essa criança.

5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

Sempre tem, o problema de gestão está mais envolvido de como lidar com servidores, do que propriamente com os alunos. A gente tem muito mais facilidade de lidar com os alunos no dia a dia, de conversar, de orientar, do que com os servidores, porque eles já têm a concepção deles, as opiniões deles, que para mudar, né? O desafio maior é de lidar com os servidores, cada um está ciente do que é seu papel, qual sua função e também de reconhecerem o papel da gestão, né? Porque muitos acham que o diretor não faz nada, mas tudo para funcionar na escola precisa de sua interferência, tem o problema na energia, a bomba que não está funcionando, é a merenda que acabou é o gás, é o papel que acabou. Tudo é você que tem que correr atrás, e para muitos servidores você não faz nada. Tudo está na boca ali pra eles, eles só chegam e vai fazer seu trabalho, mas acham que o gestor não faz nada, a gestão resolve questão da merenda escolar para os alunos, se não os alunos perdem horário, além dos problemas da escola a gente ainda pega alunos que estão com problemas para conversar, pais que chegam e você atende. Tem toda essa questão e ainda a infraestrutura que você tem que correr atrás. Tudo tem que está funcionando, a escola tem que está funcionando, se você não fizer com certeza influenciará no trabalho de outros servidores, cada um tem que fazer seu papel, porque se não, alguma coisa desanda. As políticas públicas estão deixando muito a desejar, no município as gestões dos últimos anos, até formação para professores, foram quase inexistentes, a formação é essencial para melhorar a qualidade do trabalho. Tem deixado muito a desejar as últimas gestões municipais. Há pouco investimento na educação. Na

verdade, o Brasil, como um todo está com problema, mas assim, eu digo que no Pará os índices estão mais baixos que o resto do País e deveriam ter um olhar especial pra cá, né? E não estamos vendo nada sendo feito, ao contrário, o município rebaixou o salário dos servidores recentemente, eles acham que estamos ganhando muito para o pouco que faz, né? Se não houver mais investimento na educação eu acho que isso não se vislumbra um futuro muito bom para a educação não, para melhorar a qualidade da educação. Agora o pessoal está muito desmotivado com esse rebaixamento de salário, isso cai nas nossas costas, dos gestores, porque nós estamos sentindo aqui a desmotivação. A escola está com uma sobrecarga muito grande, com pouco apoio da secretaria de educação, a maioria dos problemas das escolas os gestores que procuram resolver, nós não temos muito apoio. Faz tempo que está assim, houve época em que a escola tinha mais apoio do poder público. Os recursos que vem do governo federal, ele é insuficiente, para manter tudo o que precisa dentro da escola, a gente acaba tirando do bolso da gente para resolver pequenas coisas dentro da escola. Educação sem investimento não tem futuro para o país. A gente sabe que tem professor que não se tem um grande compromisso, com aquilo que faz, mas não pode colocar essa culpa, essa carga toda nas costas do professor, que é todo um sistema, que vem massacrando que acaba conduzindo isso, que resulta num descompromisso desmotivação. Sem contar a quantidade professores que adoecem.

Coordenadora Pedagógica A

1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na função?

Olha, eu sou graduada em pedagogia, eu atuo na educação a 21 anos, mas, nessa função de coordenadora pedagógica, estou desde 2013, então já tem quatro anos que atuo como coordenadora pedagógica.

2- O que se tem feito para assegurar o aprendizado dos alunos? Que tipo de apoio a coordenação oferece ao corpo docente, e aos familiares dos alunos?

O trabalho da coordenação pedagógica relacionada a aprendizagem dos alunos é um trabalho desafiador. É desafiador por quê? Porque os alunos que temos hoje na escola, não são mais aqueles alunos igual os de antigamente, hoje os alunos estão inseridos em uma sociedade que há uma evolução muito grande, então eu percebo que há uma distância hoje muito grande entre a escola e os alunos no sentido de quê? os alunos estão no século XXI e a escola está um pouco atrasada, na sua forma de ensinar, então ele é desafiador porque nós precisamos descobrir a todo instante uma nova metodologia para poder “conquistar” esse aluno a aprender, nós estamos vivendo uma geração de alunos micro-ondas, eles querem tudo pronto, tudo do jeito deles, a tecnologia está aí ela precisa ser inserida na sala de aula, o aluno ele não quer mais sentar na cadeira com o professor de costa pra ele copiando, então é um desafio muito grande. O que a gente tem procurado fazer é reunir com os professores e avaliar o que se está sendo ensinado, para que a gente possa aprender essa necessidade de aprendizado dos alunos que nós temos hoje na escola. E hoje o aluno não depende mais só do professor para ele aprender, a tecnologia está aí a internet, as redes sociais, os que eles querem aprender eles vão lá e procuram, então as vezes se tornam até maçantes na sala de aula dizendo o que o aluno tem que fazer. Esse é o desafio, porque a gente a gente não pode deixar o aluno solto fazer o que ele quer, mas o que ele de fato precisa aprender, o que vai ser necessário para formação dele. Nosso suporte acontece no dia a dia, geralmente cada dia é uma necessidade nova, você faz seu plano de ação anual, você tem ali um cronograma bimestral das atividades que vão ser desenvolvidas das HPs, nas horas de estudo, planejamento, então é esse suporte que gente procura trazer para os professores, de acordo com a necessidade deles no dia a dia, porque o planejamento ele é o roteiro para o professor

seguir, mas, dia a dia, vão surgindo algumas necessidades e é nesse momento que o professor precisa do apoio do coordenador pedagógico, é um conteúdo que ele está ensinando que tem um grupo de alunos que não estão conseguindo aprender, ou as vezes não estão nem realizando as atividades. É nessa hora que a gente precisa estar junto, para criar estratégia de ensino de maneira que venha atender à necessidade dos alunos em sala de aula.

3- Quais são os maiores desafios encontrados na função?

Os desafios do trabalho coordenador pedagógico são muito grandes. A demanda é muito grande de situações, problemas que surgem no dia a dia. Na verdade a função principal do coordenador ele surgiu, para que ele seja o formador no contexto escolar, ele é o trabalho de formação com o professor, mas hoje, na realidade em que estamos inseridos, o coordenador não faz só isso dentro da escola, então o desafio é você vê as necessidades que são muitas dentro da escola, um coordenador pedagógico dentro de uma escola com grande demanda de alunos, e professores, cada um tem uma necessidade, então você vive ali uma situação onde tem pessoas te chamando de todo lado e você tendo que escolher as prioridades para você atender, além disso é pensar ações que vai atender a necessidade do professor com o aluno. O trabalho do coordenador é um trabalho de acompanhar a aprendizagem, de sugerir, de observar os dados, o rendimento bimestral, anual, e a partir daquela análise que a gente observa, nas reuniões sentar com a família, replanejar aquilo que não foi bem-sucedido, e ao trabalho do coordenador é isso, é formação para o professor, é acompanhar a aprendizagem, propor ações de mudanças, ver a proposta curricular da escola, o que a escola está propondo, que cidadão quero formar e a partir daí pensar ações para dentro da escola.

4- Qual a relação da coordenação com o corpo docente, com os alunos e com os familiares?

A coordenação atua junto com a família, em parceria com o orientador educacional. A gente costuma está atendendo os pais em reuniões, depois de uma análise de dados que foi com o corpo docente, para saber das necessidades dos alunos, aí é onde chamamos a família para poder saber o motivo da quantidade de falta daquele aluno, o aluno que não está conseguindo evoluir, saber o que está acontecendo. O pais procuram a escola para buscar orientações.

5- Em sua opinião, o que pode ser feito para que o processo ensino-aprendizado ocorra com êxito, especialmente na alfabetização da criança?

A questão social ele influência de forma muito presente na sala de aula. Há muito alunos que quando acordam o pai, a mãe já não está em casa, já saiu para trabalhar, porque é necessário sair para trabalhar, então o aluno acaba perdendo o limite e os valores são investidos, porque ele precisa ser ensinado e começa em casa e a gente desenvolve isso na prática. Então o que deveria melhorar, uma das coisas que percebo hoje, que não é só isso, mais é um fato, não posso falar das demais escolas, porque eu não conheço a realidade, mas aqui onde eu atuo como coordenadora pedagógica, eu vejo que há muitos alunos em uma sala só, dentro desses alunos ainda existe a inclusão, que também é um desafio na escola, então eu vejo assim que muitas coisas que podem estar acontecendo, que é uma coisa gradativa que eu sei que não vai acontecer da noite pro dia, melhor dizendo, eu vejo assim, que há necessidade de mais formação continuada para os professores, para saber lidar com os alunos, ela já existe, mas, não é frequente, um momento da gente tratar das necessidades de aprendizagem dos alunos. Seria necessário que os professores tivessem o que a gente chama de hora atividade, pra eles terem um momento, porque a maioria dos professores hoje eles tem uma carga horária de 200h, ou seja, eles trabalham manhã e tarde, seria necessário que o professor tivesse um tempo na escola, pelo menos uma vez por semana, ou talvez quem sabe quinzenalmente, um momento pra ele pensar, para ele planejar ações que venham atender a necessidade de aprendizagem do aluno de forma específica, o professor não tem uma hora pedagógica, a escola não tem esse suporte que possa tirar o professor da sala de aula, porque não tem quem fique na sala de aula, para ele planejar hoje, não posso deixar o aluno sem aula. Eu vejo que seria necessário o professor ter esse momento, uma hora atividade, que houvesse mais esse momento para o professor está planejando sua aula. A gente ver diante dessas mazelas sociais, da necessidade, da carência mesmo, os pais não tem muito tempo para acompanhar o aprendizado do aluno, então essa tarefa, apesar da lei estabelecer que começa da família, que é dever da família e do estado, mas as vezes essa responsabilidade hoje, nos dias de hoje, está ficando mais para a escola, aí a escola acaba tendo que fazer aquilo que a família não fez, e acaba sobrecarregando a escola.

Coordenadora Pedagógica B

1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na função?

Me formei em pedagogia, tenho especialização em psicopedagogia estou atuando a na coordenação por apenas oito meses, mas, atuei em sala de aula por seis anos e nove anos na direção. Eu tinha outro cargo em outra escola, mas em consequência do fechamento de algumas escolas, tive que procurar outra escola para atuar.

2- O que se tem feito para assegurar o aprendizado dos alunos? Que tipo de apoio a coordenação oferece ao corpo docente, e aos familiares dos alunos?

A gente faz um acompanhamento com o professor, tem estudos mensais, que são as HP, participo de formação, trabalha juntamente com o professor na elaboração do plano de aula.

3- Quais são os maiores desafios encontrados na função?

O maior desafio é a questão da indisciplina e a ausência do pai e da mãe na educação da criança e a escola acaba se sobrecarregando.

4- Qual a relação da coordenação com o corpo docente, com os alunos e com os familiares?

Não tenho problemas com professores os professores, a gente está sempre buscando trabalhar em equipe na contribuição do aprendizado dos alunos, a comunidade procura está se envolvendo e procura a coordenação para saber do aprendizado de seus filhos, tem pais presentes, pais ausentes.

5- Em sua opinião, o que pode ser feito para que o processo ensino aprendizado ocorra com êxito, especialmente na alfabetização da criança?

Deveria haver mais investimentos na educação por parte do governo, e deveria haver espaço adequado para as crianças, para poder fazer atividade de recreativa com as crianças.

Coordenadora Pedagógica C

1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na função?

Sou pedagoga formada pela UFPA e tenho especialização em psicopedagogia, na função de coordenação eu estou na função a dois anos e meio, e trabalhando na educação, eu estou desde 2004.

2- O que se tem feito para assegurar o aprendizado dos alunos? Que tipo de apoio a coordenação oferece ao corpo docente, e aos familiares dos alunos?

Bom, nós temos um projeto aqui na escola, aonde tem o Mais Educação que trabalha com as crianças que tem mais dificuldades e dentro da sala de aula os professores também fazem reforço, nós temos projetos de leitura, nosso foco é leitura e escrita, né? Porque se a criança não soube ler, ela não vai aprender muita coisa, qualquer atividade que você faça com ela, não vai ter muito interesse, e não desenvolve de jeito nenhum. Nós temos a hora atividade, onde os professores sentam junto comigo, a gente planeja, e a partir desse planejamento a gente vê que tipo de metodologia a gente vai usar, e aí eu fico responsável junto com o professor, mas aí eu acabo trazendo mais pra mim essa responsabilidade, de correr atrás de atividades, de vídeos, de música, tudo que facilite o aprendizado dele. Geralmente quem tem esse contato maior com a família é o orientador educacional, mas como ela está de licença, aí eu estou fazendo esse trabalho agora de coordenação e orientação, mas sempre que precisa eu assumo esse papel, não tem problema nenhum, de estar conversando com a família. Ontem mesmo eu conversei com uma família que a criança já está com quase 75% de falta e a mãe é um pouco relapsa, ela trabalha muito e deixa solto, né? Aí o menino faz o que quer, a mãe não sabe, aí eu chamei ela para falar, ou a criança vem, ou a gente vai ter que tomar as medidas legais dentro da lei, para que assegure avinda da criança a escola, e a primeira coisa que eu vou fazer, infelizmente é cortar o bolsa família dele, né? Porque a gente só sabe quando arde no bolso, aí ligeirinho ele vai ter que vir. Quando a família participa, Nossa Senhora! Gente, é outro nível, as mães que estão aqui quase todos os dias, ou aquelas que quando a gente precisa elas vêm, a gente percebe a melhora na criança, sabe? O ano passado mesmo eu tive um caso, no quarto ano, que a criança não estava desenvolvendo de jeito nenhum. Eu chamei a criança e percebi que a criança tinha um entrave, porque a mãe tinha um

novo casamento e tinha tido uma gravidez, e aquilo não estava certo. Chamei a família junto com a orientadora e a gente descobriu que a mãe estava dando mais atenção para a nova família e o menino tinha ficado de canto. Ela fez isso inconscientemente e não por ser uma péssima mãe, sabe? Acho que a família foi se desenrolando de um jeito que ela não percebeu, aí nós chamamos, conversamos, menina! Depois dessa conversa o menino se transformou! É outra pessoa! Está ali no quinto ano hoje, é um dos melhores alunos. Quando a família vem e nos ouve e coloca em execução o que foi conversado, você sente no desenvolvimento e no comportamento do aluno em sala de aula

3- Quais são os maiores desafios encontrados na função?

Nossa! Desafios demais! Uma que, na escola pública o coordenador não é só coordenador, ele não é só pedagógico, ele é tudo que estiver pela frente, entendeu? Então esses é um dos desafios. Um dos desafios que eu considero mais difícil que eu consiga executar, é essa questão mesmo de eu conseguir sentar com o professor, ter aquele tempinho de sentar com ele, e uma outra situação é a questão de estudar, porque dentro das atividades da escola, se estivesse tudo bem estruturadinho, eu conseguiria, orientar o professor e ter o momento de estudo. Mas, geralmente eu acabo fazendo em casa o momento de estudo e as vezes até o de orientação do professor, porque a gente fica no WhatsApp, no telefone conversando sobre alguma coisa que não deu pra conversar na hora da hora atividade, até porque é só uma hora e meia, né? É pouquíssimo tempo para você planejar uma semana de aula, se você pensar todo o processo de ensino-aprendizagem em uma hora e meia, não dá, tem que levar pra casa, infelizmente. Aí eu fico até muito chateada com as gestões que entram no município, porque não dão valor, e é só tirando direito de um professor que já é sacrificado, né? Eu digo para as meninas, gente da situação pior, o Elinda é o que está menos ruim, porque tem a professora de educação física que dá um suporte. A professora vai para a sala de aula enquanto as meninas podem vir aqui, ficar essa uma horinha e meia, pelo menos pensando no esqueleto da semana, né? E as escolas que não tem professor de educação física? Né? Aonde a colega tem que estar fazendo mesmo em casa. E ainda é cortado salário, é cortado regência. Ele alega que o concurso a gente fez para dar aula. Sim! Mas poxa! Se você for olhar, o nosso primeiro ano está com quase trinta alunos, uma sala superlotada, para acabar de completar agora, a SEMED mandou o senso visual, como se as escolas estivessem mentindo

sobre a realidade. Você tá entendendo? Aí ontem a moça da SEMED chegou aqui e se assustou com o primeiro ano. Aí eu falei – pois é, eu gostaria que vocês se sensibilizasse com a nossa situação, quando uma família chegar lá denunciando a escola dizendo que a gente não quis aceitar o aluno. Não é porque a gente não quis aceitar o aluno, a gente não tem mais estrutura para aceitar um aluno. E aí como que se desenvolve o processo de ensino aprendizagem numa sala de primeiro ano como é o caso, a professora sozinha, com alunos com necessidades especiais e não tem estagiária? Mana é uma guerreira, uma professora dessa, sabe? E eu também não posso nem cobrar muito delas, também nem preciso graças à Deus! Aqui no Elinda Costa as meninas são comprometidas. Às vezes eu até brinco com elas dizendo assim – gente de vez em quando aqui minha função é quase obsoleta, vocês sabem andar tranquilas. Se eu passar vinte, trinta dias fora, elas andam numa normalidade. Porque? Porque elas já têm esse ritmo e esse compromisso mesmo, sabe? De assumir pra elas mesmo, sabe? É minha turma, o problema é meu, esse menino é meu, e aí a gente vai criando estratégia é joguinho, nós temos três crianças disléxicas, está sendo um desafio para trabalhar com elas, mas está sendo recompensador, e eu vejo que as professoras não se amofinaram, sabe? Tem essa deficiência, como a gente vai tratar? Aí eu fui atrás pesquisei, fui atrás do pessoal de educação especial e conduzimos trabalhos. A escola está tendo 31 crianças especiais atualmente e só duas estagiárias, aí vai pedir e eles diz, não, não tem como. Gente! Não tem como é uma professora está dentro da sala de aula, por exemplo: estamos com um quarto ano, que a professora está com três alunos com deficiência, e dois é de locomoção, de andar bem devagarinho, e atuma lotada.

4- Qual a relação da coordenação com o corpo docente, com os alunos e com os familiares?

Eu considero que tenho uma boa relação com os professores. Mas assim, é porque eu vim da sala de aula, eu sei exatamente aonde dói, as vezes elas vem em cima de mim, solta os cachorro, eu ouço, eu sei que tem horas que a pessoa está sobrecarregada, eu entendo muito bem, eu já estive do outro lado, aí depois eu vou converso, e ela pedem desculpa, tudo bem, vamos ter zelo na hora de falar. Eu sempre digo para as meninas, gente eu não sou melindrosa, se você estiver alguma coisa pra mim, pode vir falar, mas tem colegas que não são assim, então a gente como seres humanos temos que aprender a lidar com as pessoas.

5- Em sua opinião, o que pode ser feito para que o processo ensino aprendido ocorra com êxito, especialmente na alfabetização da criança?

Aqui no Elinda, eu considero que nosso maior entrave, é o acompanhamento da família mesmo. As crianças que não conseguem avançar, quando a gente puxa o histórico, é uma mãe que não sabe nem o nome da professora, é uma mãe que não sabe nem a sala que a criança está. Aí a gente chama essa mãe e a gente pergunta, o primeiro teste com ela: como é o nome mesmo da professora do seu filho? Aí ela fica – ai, ai, ai meu Deus, eu não sei. É difícil, poxa! Tu entrega o teu filho na mão de uma pessoa e tu não se preocupa em saber o nome, tu não te preocupa em saber como ela trabalha. Segundo teste – qual é a sala? Não sabe, só deixa e vai. Terceiro – qual que é o ano mesmo que ele estuda? Não sabe. Daí você tira, que não abre o caderno do filho. Nós fizemos uma última reunião agora, uma reunião um pouco complicada, porque? Porque foi uma questão de indisciplina mesmo, de falta de respeito de alguns alunos em sala de aula. Nós chamamos esses pais, as professoras de modo geral disseram que não vão gastar mais a tinta de caneta delas colocando recado no caderno que a mãe não vai abrir, porque todos os dias no caderno dessas crianças com indisciplina e que não fazem a tarefa, vai um recadinho para a mãe assinar de que está ciente daquela situação, vinte e trinta dias, e continua indo os recados e ninguém faz nada. Aí nós resolvemos fazer essa reunião e chamar na responsabilidade. Graças a Deus veio muita gente, mas também ficou de vir muita gente. Aí agora eu vou fazer o levantamento desses que não vieram e chama um pouco mais duro mesmo na responsabilidade. Eu até brinco com os pais e digo assim – gente criar filho não é que nem criar macaco não, que você joga na selva e o bicho se cria. Você tem que estar presente, você tem estar ali. Aí a mãe vira assim pra mim e diz – há mais eu trabalho, aí eu disse – sim mãezinha eu também trabalho, eu também passo o dia todim aqui cuidando da vida do teu filho, só que quando eu chego em casa, eu tenho duas, e nem por isso eu vou me omitir da educação delas. Cinco minutinhos que você senta com teu filho, por mais que você não saiba, o que que ele ta fazendo alí, mas você sentou do lado dele, e pergunta – meu filho o que você está fazendo aí? Ele já internaliza que você está preocupada com aquilo ali, e que ele precisa ter compromisso porque você está ali olhando, tá cobrando. Aí tem uma mãe que fa – há mais tem coisas que eu vi a mais de vinte anos. Olha Agda, eu tenho um

exemplo, minha mãe saiu de casa muito cedo para trabalhar, mãe solteira, e ela me deixou com minha avó, minha avó todo dia sentava do meu lado quando eu estava fazendo tarefa, só que ela era analfabeta, e eu vim descobrir no quinto ano que ela era analfabeta, mas do primeiro aninho até o quinto, ela estava ali do meu lado ó, botando pressão pra eu estudar, e eu só vim descobrir que ela era analfabeta no quinto ano, aí eu falei – meu Deus a minha vó não sabe ler! Mas nem por isso ela deixava de me acompanhar, entendeu? A presença dela foi fundamental. Olha o quarto ano fez um trabalho, uma maquete, tu precisava de ver a riqueza, teve mãe que veio procurar saber três semanas depois, quando viu a foto no face da escola. Então a família hoje em dia, transferiu uma responsabilidade que não é da escola, e a escola acabou tomando pra si essa realidade. Nós temos professoras doentes, e que não tiram atestado preocupada com os meninos. Tem crianças que não conseguem avançar, aí ela diz assim pra mim. – Naty, tu já pensaste se eu pego um atestado de quinze dias, aí a SEMED manda uma pessoa que não conhece a realidade dos meus meninos e vai ficar por isso mesmo. As vezes eu digo. – colega, tu ta doente, tu vai morrer, ninguém vai fazer uma placa pra ti dizendo “ aqui se vai uma professora dedicada!” infelizmente, a educação tem carregado um fardo, de ensinar o que é matemática, história, geografia e de dar os valores que os meninos precisavam aprender em casa. A escola hoje carrega um fardo pesado. Ontem eu olhei na cara daquela mãe e falei. – mãe eu vou te denunciar, o primeiro passo é cortar abolsa família do teu filho e o segundo, eu vou te denunciar. Acriança praticamente não veio a escola. E chama, e manda recado no caderno, mas ela não lê. Eu entendo que ela tem que trabalhar, mas ela tem que entender que colocou uma criança no mundo e que aquela criança precisa dela também, é de responsabilidade dela. Eu falei pra ela. – Mãezinha, a gente só fica quatro horas com teu filho, as outras vinte, é contigo, então tu tens que assumir teu papel, porque se tu não assumir eu vou te denunciar, infelizmente. Ela chorou, pediu que não fizesse isso. Eu disse, pois muda, mana, dá um jeito o menino está com quase 75% de falta. Aí o que essa criança rendeu? Nada. Ainda tem um porém, ele está em uma série que não retém, o que vai acontecer? Ele vai passar pra frente. Eu digo assim que aqui no Elinda as professoras têm muito compromisso, tem um compromisso que é de assustar. Elas adoecem tentando alfabetizar menino no quinto ano. Mas não é criança de fora não, é criança que está aqui com a gente desde o início e a gente vem se debatendo com a família há anos. Teve uma mãe que chegou na professora e disse assim, na frente da criança.

Aquilo me matou, ela disse. – Há mais isso é assim mesmo, eu também sou ruda. Eu nunca nem tinha ouvido essa expressão. A mãe dizendo. – Eu também sou ruda, eu não aprendo não, e esse menino também não aprende não. Eu falei – mãezinha pelo amor de Deus! Não diga isso na frente dele, não desvalorize o seu filho. Porque ele vai introjetar isso e ele não vai se esforçar. Porque a senhora que é a mãe que deveria acreditar nele, e não acredita, e ele criança, vai acreditar? Ele vai dizer, a minha mãe diz que eu sou burro, porque foi essa a palavra que ela usou, e eu não vou fazer mais esforço. Se a mãe dele está desprestigiando ele. Então a gente trabalha com todo esse tipo de situação aqui dentro. Nós também temos em alguns casos, alienação parental, que é quando o casal se separa e a pobre da criança fica no meio daquela briga, onde o pai desprestigia a mãe, a mãe desprestigia o pai, aí lá vai a gente de novo se envolver dentro da família. A nossa diretora adoce porque entra demais dentro da família, ela vai na casa, é mãe ligando pra ela quatro, cinco horas da manhã. A escola hoje, no caso do Elinda Costa, ele se envolve demais, os professores observam a criança em tudo, qualquer tipo de comportamento os professores já falam logo. Olha está diferente bem aqui. Aí a gente vai atrás, apesar de ser um público de primeiro ao quinto ano, mas os alunos do quarto e quinto ano, já são crescidinhos mentalmente. Mana esse negócio da baleia azul, a gente ficou de orelha em pé aqui, porque tudo eles captam de fora. Uma criança que não tem assistência da família, que a família vai orientar ele, fala, aquele ali é idiota, como a pessoa vai acabar com a própria vida em prol de um jogo? Em algumas pessoas teve influência. Aí lá vai nós, conversa com a família, aí o pai diz. – há eu não tinha percebido. O filho se mutilando, se cortando vestindo roupas estranhas, os cabelos, o jeito muda. Aí eu falo com o pai. – Paizinho, aproveita pra formar o caráter do teu filho agora, porque depois que ele passar para uma série maior, ele vai ter influência de tudo quanto é jeito, boas e ruins. E se tu não formar um caráter sólido no começo, depois para influenciar ele, vai ser mais difícil. Porque ele vai acabar ouvindo os de fora. O pai trabalha muito e não destina cinco minutos, dez minutos, vinte minutos. Você tem que dar atenção, filho é como planta, se você não rega se você não dar os verdadeiros cuidados ela murcha. E o resultado dela murchar, é ela virar bandido, é as meninas engravidarem antes da hora. Então o compromisso com a família realmente está sendo pouco.

Coordenadora Pedagógica D

1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na função?

Eu estou na função de coordenadora há um ano, sou formada em pedagogia pela UFPA, e estou nesse processo agora de coordenar. Tanto no processo ensino-aprendizagem do aluno, quanto em formação de professor, HP, tudo isso envolve. A conversa com os pais, com diretor, então tudo é uma parceria, um suporte para que ocorra o aprendizado da criança. A gente vê o que ele está aprendendo. O que é que está acontecendo. Porque nós temos muitas crianças especiais. Tem todo esse acompanhamento. Então o coordenador sempre está envolvido em tudo.

2- O que se tem feito para assegurar o aprendizado dos alunos? Que tipo de apoio a coordenação oferece ao corpo docente, e aos familiares dos alunos?

Há, muita coisa, é aulas de reforço, pra gente sanar as dificuldades, são projetos de leitura, é projeto dentro da escola pra gente, projeto dentro da escola pra envolver tantos os pais, para acompanhar o processo de ensino da criança, dos filhos, porque a gente tem muita essa dificuldade, pai-família-escola. Então a família tem que acompanhar junto, com a professora, junto com o coordenador, vê o que está acontecendo, se a criança está aprendendo. Então a gente faz essa ponte, entre a família, professor, coordenador, direção. Todo mundo se envolve. O que o professor está precisando? Pra isso a gente tem reuniões, para discutirmos. Vamos vê aqui aonde está a dificuldade. Vejo do que o professor está precisando, se está precisando de vídeos, de projeto. A gente sempre está conversando, sentando e conversado, por quê? Porque a gente vai preparar uma HP, só pra ver essas dificuldades, vê onde é que estamos errando, o que a criança está aprendendo, o que ela tem que aprender, as avaliações também, estão tudo em cima do que a criança sabe. Que a avaliação é tipo um diagnóstico que a gente faz. E no que ele não acertou, temos que ver o que fazer para a criança adquirir aquela habilidade que ele não adquiriu ao longo do bimestre. Porque todo bimestre a gente senta para saber o que tem que fazer para sanar as dificuldades das crianças. Porque o coordenador está envolvido em tudo na escola. A gente sempre faz reunião para saber o que está acontecendo, para saber quais as crianças que tem dificuldades, quais que os pais não acompanham em casa. Temos que correr atrás dos pais, trazer para a escola, para saber o que está

acontecendo. Temos muitos pais que não acompanham o aprendizado da criança. Então a gente vai na casa dele, traz ele para a escola. Bora ver o que está acontecendo, porque que as tarefas de casa estão voltando? A gente tenta encontrar o erro para tentar concertar.

3- Quais são os maiores desafios encontrados na função?

Há são vários! Eu estou com um ano aqui, eu estou de licença premium, mas quase todos os dias estou aqui. eu venho aqui, e já tenho que preparar o diagnóstico, então tem muitas coisas que fica sobrecarregada em cima de mim e da diretora, porque somos só nós duas, então tudo aqui é um desafio. Pra gente ser um coordenador bom, a gente tem que ler, tem que estudar, tem que ir para as formações. Então isso tudo a gente vai aprendendo no dia a dia, a como lidar com os professores, porque é muito difícil esse negócio. Há o coordenador quer mandar! Então é muito difícil esse negócio. Tu tem que ganhar a confiança dos professores, então tem todo um desafio a ser feito junto com os professores. Nós lidamos com seres humanos, todos nós temos erros, então, o coordenador é muito cobrado. Tanto com o processo ensino-aprendizado, tanto com as horas pedagógicas, tanto com os professores, tanto na formação de professores, então ele é muito cobrado, porque ele é quem dá o suporte para os professores. Nós vamos atrás de parceria para dar reforço. Tem as meninas da igreja que dar aula de reforço aqui na escola. Porque só eu e a diretora, nós não damos conta. Porque tem muitos problemas a ser resolvido dentro da escola, tanto na parte pedagógica, quanto na parte da gestão.

4- Qual a relação da coordenação com o corpo docente, com os alunos e com os familiares?

O coordenador tem que ter uma boa relação com os professores, porque se não houver, não vai pra frente, não funciona. Então a gente faz tudo para chamar o professor, conversar na medida do possível, não ofender. Essa função é muito desafiadora. Então a gente que saber lidar. Porque se a gente for querer ser autoritário, mandar, não vai funcionar, então a gente sempre tem que ter uma boa relação, principalmente com os professores.

5- Em sua opinião, o que pode ser feito para que o processo ensino aprendido ocorra com êxito, especialmente na alfabetização da criança?

Eu acho que por parte assim, não só do professor, mas de todo corpo docente, de todos os funcionários da escola, eu acho que tem que ter mais amor naquilo que faz. Se eu sou professora, eu tenho que tratar meu aluno com amor, muitas vezes ele vem de casa e não tem amor, não tem carinho, ele não tem nada em casa. Então ele vai procurar onde? Na escola, onde ele fica uma boa parte do tempo. Então eu acho que tem que ter mais amor por parte dos professores e querer. Se eu quero ensinar meu aluno, eu tenho que tratar ele bem, igual trato meus filhos. Se eu estou na educação, se eu sou professor, eu tenho que gostar do que faço, não adianta, a gente sabe que tem muita gente que está na educação que não gosta do que faz, a gente vê muito. O problema já começa aí. Tem que gostar do que faz. Por que como é que eu sou professora só pra mim ganhar um salário? Eu não vou tratar os filhos dos outros bem, eu vou ficar estressada o tempo todo, então eu não vou fazer um bom trabalho, e para a pessoa fazer um bom trabalho tem que gostar do que faz. Pra mim começa daí, tem que gostar do que está fazendo. Ter compromisso de ensinar. Se o aluno não sabe, tem que ensinar, tem que ter compromisso com sua função. Sabemos que temos vários tipos de professores na educação. Aqui na escola nós temos internet para pesquisar, temos uma boa estrutura, não chega a faltar material, temos o dinheiro do PDDE, e não é todas as escolas que tem uma estrutura que nem essa. E para quem não tem, isso não pode ser o discurso da impossibilidade, né? A gente tem que agarrar a profissão, muitas vezes a gente tira do bolso, para comprar papel, caneta, lápis, lápis de cor, porque a gente sabe que o governo não dá essa maravilha de suporte, mas na medida do possível a gente está caminhando para que nossos alunos avancem até o final do ano. Tanto no processo de ensino aprendizagem, como no comportamento, disciplina, porque a gente sabe que na escola a indisciplina está muito grande, a gente conversa com os pais, a gente chama os pais. Porque os pais têm que começar a disciplinar os filhos a educar, que aqui a gente faz tudo, a gente escolariza a gente educa, infelizmente, mas, é nossa realidade.

Mãe A**1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?**

Eu tenho ensino médio completo, me escolarizei na modalidade da EJA, fiz da primeira à quarta série em um ano, depois terceira e quarta etapa, e o ensino médio estudei na modalidade regular. Tenho sete filhas, duas na graduação, três com ensino médio completo, uma no ensino fundamental maior e a minha caçula tem sete anos e se encontra no segundo ano do ensino fundamental, antigamente chamada de primeira série.

2- É possível observar as influências das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?

Em algumas situações sim, não tive problema na escola com relação a algumas delas, teve outras que teve a mesma educação, mas me deram um pouco de trabalho, fui chamada várias vezes a ir na escola. Mas, atualmente, com a minha caçula, percebo que o que eu ensino em casa ela leva para fora, leva para a escola, não tenho reclamações de professores relacionada a educação dela e também nunca fui chamada a comparecer a escola, por ter respondido o professor ou ela ter intrigado com algum colega, ao contrário, ela é uma criança muito esperta e inteligente, ela possui uma boa relação com os colegas e com os demais colaboradores da escola.

3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?

Olha eu sempre procurei me envolver em todos os sentidos. Sempre procurei ensinar o certo e o errado, a respeitar os outros. Eu sempre acompanhei minhas filhas na escola e nas atividades, trabalhos que vinham para casa, teve um tempo em que eu não conseguia mais acompanhar no auxílio da tarefa de casa porque eu não entendia mais do assunto. Foi por isso que voltei a estudar, para continuar dando suporte a elas em casa e continuar cumprindo meu papel. Já com a mais nova, eu não estou tão envolvida por conta do trabalho, tive que começar a trabalhar fora para dar o sustento delas, então passo o dia fora. Deixei essa tarefa de acompanhar a mais nova na escola para a umas das mais velhas. Mas, sempre que chego em casa, procuro saber como foi na escola, o que ela aprende, essas coisas do dia a dia.

4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?

A escola em que ela está estudando hoje, está deixando muito a desejar, tanto no ensino, quanto no envolvimento da família na escola. Eu percebo que está faltando aquela questão de compromisso do professor com o aluno, eles fazem do jeito deles e por isso fica. Não fazem reuniões para apresentar para as famílias os projetos, as decisões que elas tomaram dentro da escola. Não tem uma conversa entre a família escola, ao não ser se o aluno tenha feito algo errado. Eu percebi que a escola ela não está aberta para conversar, para críticas, elas não querem ouvir uma reclamação. Então eu acredito que eles têm que melhorar a relação entre a escola e a família.

5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?

Com certeza, os professores ainda estão muito presos no método tradicional de ensino. Não que seja errado, mas eu acredito que não supre as necessidades da criança, hoje a sociedade é muito aberta e as crianças precisam ser ouvidas e serem respeitadas, não somente o professor. Lá na escola dela, a professora praticamente obriga as crianças baixarem a cabeça e ficar em silêncio, caso contrário terão punição. Ao meu ver isso é uma tortura, porque se nós adultos não ficamos quietos o tempo todo, imagina uma criança com a quantidade de energia que elas têm. Acho que a professora deveria rever a metodologia de ensino dela, pois as vezes quando acompanho minha filha em casa, eu vejo que ela não está avançando, não sei dizer o porquê, ela só tira notas boas, mas quando acompanho em casa, vejo que ela tem muita dificuldade. Não sei dizer o que eles estão fazendo, mas estão errando.

Mãe B**1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?**

Bom, eu me chamo Maria Francisca Marques Carmo, possuo nível superior, bacharel em administração de empresas. Tenho dois filhos, Maria Eduarda de dois anos que está no maternal I e Christiano Rangel de treze anos e está no oitavo ano.

2- É possível observar as influencias das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?

Pra mim o conceito familiar, mudou nos últimos tempos, mas, independentemente dessa mudança, a família continua sendo o primeiro local de aprendizado da criança pra a educação, e através dela que acontece os primeiros contatos sociais, e as primeiras experiências educacionais. A participação dos pais na vida escolar de seus filhos é condição indispensável para que as crianças se sintam amadas e motivada a obter avanços, em sua aprendizagem.

3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?

Conceituar educação hoje não é fácil, costumo dizer que nos dias de hoje, é mais fácil criar seus filhos, que educa-los, pra mim educação começa em casa, é do processo do nascimento, até a vivencia do ser adulto, é aprender no convívio com o outro e na vida cotidiana em casa. Definir para seu filho o que é certo e o que é errado, e em primeiro lugar, respeitar as pessoas, sejam elas quem for. Pra mim as barreiras enfrentadas é a influência com pessoas erradas. É a famosa internet que pode mudar a cabeça da criança de uma hora pra outra.

4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?

No meu ponto de vista referente aos padrões acadêmicos, deveria haver uma transição entre o ensino fundamental menor, para o maior. Deveria haver uma preparação diferenciada no quinto ano para o recebimento dessa criança no sexto ano, pois percebi que meu filho teve uma caída no rendimento escolar com a mudança, pois até o quinto ano é apenas um professor em sala de aula e no sexto já passam a ser vários professores, então foi uma questão de falta de preparação da

escola, pois meu filho ficou perdido. Teriam que elaborar um projeto para o recebimento dessas crianças. Referente ao social, as escolas deveriam solicitar a presença ainda mais dos pais na escola, não só nos eventos extraclasse.

5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?

Meu filho particularmente, tem déficit pequeno de atenção, eu acho que se a escola trabalhar a criança individual, promover atividades exatamente pras dificuldade de cada um deles, atividade com interatividade intensa, promover mais tarefas extra de casa, solicitar mais trabalhos escritos, pesquisa e interagir com seminário.

Mãe C**1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?**

Tenho ensino médio completo, tenho quatro filhos, no momento só o mais velho estuda, ele tem oito anos e está no segundo ano do ensino fundamental.

2- É possível observar as influencias das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?

É, até porque quando ele foi pra escola, eu já tinha ensinado ele em casa, ele já sabia o alfabeto, já conhecia os números, já escrevia um pouco. Só a leitura que é mais ou menos. Ele já sabia algumas coisas. Mesmo assim eu ajudo ele ainda nos trabalhos, nas atividades de casa.

3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?

Eu sempre procuro ensinar eles, o que é certo o que é ruim. Todos os dias pergunto pra professora do rendimento dele, como ele está na escola.

4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?

A escola, ela procura está sempre envolvendo a família, a gente sabe que o professor não pode fazer muita coisa, porque são muitos alunos, ela tenta está fazendo sempre o melhor, eu não tenho o que reclamar não.

5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?

Pra mim não, estou satisfeita com o ensino do meu filho, ele está conseguindo avançar, eu sempre procuro me envolver, pergunto pra professora, acompanho em casa, eu não trabalho fora, então eu dou atenção aos meninos.

Mãe D**1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?**

Meu nível de escolaridade é ensino médio completo, tenho duas filhas e uma delas se encontra no jardim I e a outra ainda não frequenta a escola.

2- É possível observar as influencias das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?

Sim. Por ela conviver com várias crianças de educações diferentes isso todos os dias, influencia bastante pois crianças sempre estão aprendendo coisas novas. Então tudo que elas veem de novidades elas vão querer imita-lo. Ate hoje graças a Deus não tive nenhum problema com minha filha, assim muito desagradável, só mesmo algumas palavras diferentes que aprendem por conviver com muitas crianças, mais logo explico que não pode e ela entende.

3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?

Por eu não trabalhar fora, fica bem mais fácil acompanha a educação das minhas filhas, pois dedico todo o meu tempo para elas. E sempre estou ensinando tudo que elas precisam saber para ter uma boa convivência social.

4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?

Bom, eu enxergo a escola em relação aos padrões acadêmicos muito importante, apesar de que também em casa a gente ensina as vogais, o alfabeto e os números mais é na escola que realmente ela aprendem mais tudo isso por estarem convivendo e também por ter profissionais para ensina-las e por entender melhor as crianças. E social também a escola é muito importante pois elas aprendem a conviver com outra pessoas e crianças e aprendem a dividir e a compartilhar as coisas.

5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?

Na minha opinião eu estou satisfeita com o aprendizado da minha filha. Acho que sempre precisa ser feito mais coisas para melhorar cada vez mais. Porque as coisas

mudam o tempo todo. Então os professores têm que se preparar para as mudanças que vão ocorrendo de uma geração para outra, e cada criança aprende de um jeito, então eles têm de buscar sempre estar se atualizando.

Mãe E**1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?**

Superior (concluindo) 3 filhos 1 de 2 anos ainda ã está estudando, uma com 12 anos no 7º ano e outra com 9 anos cursando a 4ºano.

2- É possível observar as influencias das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?

Sim, eu procuro sempre procurar saber como anda o comportamento das meninas na escola, e não tenho problemas quanto a isso.

3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?

Estou envolvida na participação das atividades que são enviadas para ser feitas em casa. Nas programações que a escola faz sempre, como feira de ciências, despertar artístico e outros eventos e também no plantão pedagógico, onde somos chamados para receber as provas e para saber o comportamento e desenvolvimento no bimestre que encerra.

4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?

A escola que minhas filhas estudam é particular e com padrões que enquadra no que eu acredito ser bom para a educação das minhas crianças.

5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?

Eu acredito que o processo de aprendizagem é contínuo, e tudo tem seu tempo. Não precisa acelerar para que mais tarde não se desmotive e perca a vontade de aprender.

8 ANEXOS

Roteiro de entrevista para os professores.

- 1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na docência?
- 2- Os pais costumam participar da vida escola de seus filhos? Qual o grau de importância do envolvimento dos pais na vida de seus alunos?
- 3- Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, ainda mais nas escolas públicas no Brasil com as condições oferecidas pelo governo. Sabemos também que dentro de uma sala de aula existem crianças de vários níveis de conhecimentos e que cada aluno possui seu tempo de aprendizado. O que você faz para desdobrar as dificuldades vivenciadas no dia a dia e fazer com que as crianças não sejam tão prejudicadas e avancem?
- 4- Você procura envolver os pais no aprendizado de seus alunos? O que é feito para que isso ocorra?
- 5- A coordenação oferece algum tipo de suporte para que ocorra a mediação entre pais e escola?
- 6- Em sua opinião, o que é preciso fazer para que possa mudar a realidade nas escolas públicas para melhorar a qualidade da educação das crianças?

Roteiro de entrevista para diretores

- 1- Qual sua formação e tempo de atuação na função?
- 2- A comunidade costuma participar dos eventos que a escola organiza? Como é a relação da comunidade com a escola?
- 3- O que é feito para assegurar a participação da comunidade na escola?
- 4- A escola oferece algum tipo de suporte para aos pais e aos alunos? Que tipo?
- 5- Quais os desafios encontrados para que isso ocorra?

Roteiro de entrevista para coordenador (a) pedagógica da escola

- 1- Qual sua formação e a quanto tempo atua na função?
- 2- O que se tem feito para assegurar o aprendizado dos alunos? Que tipo de apoio a coordenação oferece ao corpo docente, e aos familiares dos alunos?
- 3- Quais são os maiores desafios encontrados na função?
- 4- Qual a relação da coordenação com o corpo docente, com os alunos e com os familiares?
- 5- Em sua opinião, o que pode ser feito para que o processo ensino-aprendizado ocorra com êxito, especialmente na alfabetização da criança?

Roteiro de entrevistas para os pais

- 1- Qual seu nível de escolaridade? Quantos filhos e em qual ano escolar ele (s) se encontram?
- 2- É possível observar as influências das experiências familiares sobre o desempenho escolar de seu (s) filho (s)?
- 3- Em que medida você (s) está (ão) envolvidos na educação de seu (s) filho (s) e quais as barreiras enfrentadas?
- 4- De que forma você enxerga a escola, em relação aos padrões acadêmicos e social?
- 5- Em sua opinião, há alguma coisa a ser feito para melhorar o processo de aprendizagem de seu (s) filho (s)?